



PAZ E BEM

Edição Janeiro/Fevereiro
Ano 62 - Nº 367

ORDEM FRANCISCANA SECULAR (OFS DO BRASIL)

As maneiras como *Deus fala...*



NA PRIMEIRA MISSA

Todas as manhãs os dois vêm à igreja, na missa de cedinho. Há pouco tempo atrás, apesar de ter as pernas fraquinhas, de seus muitos anos e da distância de sua casa, a senhora vinha sozinha.

Agora, ela se apoia naquele moço forte que delicadamente a conduz ao primeiro banco. Ele a ajuda a se assentar.

O jovem faz uma genuflexão enquanto se persigna com água benta e sai da igreja. Depois volta para buscá-la quando a missa termina.

Naquele lugar todos conhecem todo mundo. Há anos a senhora havia assumido a responsabilidade pelo menino que tinha ficado órfão. Criou-o e educou-o.

Agora é ele que dela se ocupa. Dirigindo-se a ele, ela diz de maneira terna e orgulhosa: "Meu pequeno...".

É impressionante ver o carinho com que ele a acompanha em suas idas e vindas à igreja todas as manhãs.

Ao vê-los entrar, imagino o sorriso alegre de Deus que os acolhe em sua casa e o júbilo de abençoar abundantemente a oração dos dois.

A dela com aquela eucaristia pausada, sem pressa; a dele, apenas uma breve, obsequiosa homenagem, enquanto de joelhos, traça o sinal da Trindade e da Cruz em seu corpo e sua vida.

EXPEDIENTE

Ministra Nacional e Conselheira Internacional
Maria José Coelho (MS)

Vice- Ministro
Marco Antônio Dias Rodriguez (RJ)

Coordenador Nacional de Comunicação
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos (MG)

Jornalista Responsável:
Leonardo Contin da Costa – MTB 6550/SC

Auxiliar da Comunicação:
Bruno Pacheco

Equipe de Elaboração
Aloysio de Mello Figueiredo Cerqueira (RJ)
Daisy Lúcia M Ferreira (RJ)
Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM (RJ)
Maria Conceição Messias (RJ)
Vilma Aguiar de Oliveira (RJ)

Correção:
Juliana Caroline Goncalves Almeida (SP)
Aline Milani Romeiro Pereira (RJ)
Antonio Julio Martins (SP)

Redação e Administração
Ordem Franciscana Secular do Brasil (OFS)
Adro de São Francisco. s/nº
Bairro da Saúde - Rio de Janeiro- RJ
Cep:20.081-290
Site: www.ofs.org.br
E-mail: pazebem@ofs.org.br
Telefax: (21) 2240-4565/ (21)2516-3478
Caixa Postal 50052- CEO: 20050-971

Responsável pelas Assinaturas:
Bruno Pacheco
Contato: 21-2240.4565 - 2516-3478
E-mail: pazebem@ofs.org.br

Assinatura Anual
R\$ 45,00 (Quarenta e Cinco)

Formas de Pagamento:
- Cheque nominal a Ordem Franciscana Secular do Brasil, pagável no Rio de Janeiro.
-Depósito em conta corrente:
BANCO BRADESCO
Agência 3176-3. Conta Corrente nº 13122-9
BANCO DO BRASIL
Agência 0392-1. Conta Corrente nº 0013.907-6
-Diretamente no Secretariado Nacional da OFS

ATENÇÃO: ENVIE O COMPROVANTE DE DEPÓSITO

Arte/Diagramação/Capa:
Ricardo Meneses
@ricardomeneses.adm

Impressão:
WalPrint, Gráfica e Editora
www.walprint.com.br

A Revista Paz e Bem não tem finalidade de lucro. Algumas ilustrações são encontradas disponíveis na internet. Sempre procuramos fazer menção ao autor e à fonte. Caso alguém se sinta lesado, pedimos a gentileza para que entre em contato para a retirada do material em questão.

SUMÁRIO

Tema da Capa:



04 - EDITORIAL

05 - PALAVRA DO CONSELHO

06 - TEMA DE ESTUDO

Francisco: Catador das Estrelas

08 - ENCONTROS COM O PAPA FRANCISCO

Somos todos irmãos

10 - PALAVRA DE SÃO FRANCISCO

É isto o que eu quero, É isto o que eu desejo, É isto o que vou fazer

12 - TEOLOGIA FRANCISCANA

Eclesiologia Franciscana: Francisco de Assis e a Igreja Sacramento

14 - ESPIRITUALIDADE

Vida Eucarística: Precioso Mistério

16 - UM LAICATO FRANCISCANO

O que a Igreja ensina a respeito dos leigos?

18 - ESPECIAL

Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor

20 - QUANDO DEUS FALA

As maneiras como Deus fala

22 - GRANDES TEXTOS

Francisco amava a água, as pedras, os bosques e as flores

23 - PARA REFLETIR, REZAR E SORRIR

Sempre de novo o tema da oração

24 - FORMAÇÃO

Tecendo novos paradigmas
na formação dos/as franciscanos/as seculares

26 - RETRATOS DE NOSSA GENTE

Quem como São Francisco de Assis?

28 - MEDITAÇÃO

Que ventos poderiam nos levar?

30 - JANELA ABERTA

Entre o sonho dourado do lucro e o bem essencial que é água,
qual devemos defender?

32 - JUFRA / OFS

Olá, estimados irmãos e irmãs!

Lá se foi o ano de 2020! Nunca poderíamos imaginar viver um período de nossa vida tão atípico. Desde março de 2020 encerrados em nossas casas! Imaginem se não tivéssemos as redes sociais! Graças às técnicas modernas que puderam tornar menos estressante nossa vida. Com a chegada da vacina, esperamos que possamos voltar ao presencial e andarmos livres pelo mundo afora sem máscaras e medos. É o que esperamos deste ano de 2021.

Cristãos franciscanos, levamos nossa vida a sério. Quem sabe nesse tempo da pandemia tivemos ocasião de rever o que era importante em nossa existência e o que fazíamos sem alma, numa tediosa e rotineira repetição. Sim, sem alma. A reforma das coisas, da vida, de nosso ser cristão franciscano, começa pela nossa transformação pessoal. Somos filhos do Francisco convertido, somos herdeiros dos primeiros irmãos de Francisco, dos penitentes de Assis. Bondade, generosidade, afabilidade, proximidade, diálogo, ternura, simplicidade, espírito de serviço, menores, deslumbramento diante do Altíssimo. Nunca podemos esquecer que os franciscanos vivem uma fecunda tensão entre ação e contemplação. Uma ação anárquica não leva a nada. Há necessidade de cavar espaços dentro de nós para que o Mistério tome conta de nós. Há necessidade de levar a cela no meio do mundo.

Com todo o cuidado, em reuniões virtuais, a equipe de redação da Paz e Bem preparou os números do ano de 2020 e agora apresenta a todos o primeiro número de 2021. Pensamos sempre no vigor de nossos irmãos e no enriquecimento das reuniões de nossas fraternidades. Nossos encontros são espaços de acolhida do Ressuscitado e plataforma para a missão. Nossos artigos, os textos, se destinam ao vigor dos irmãos.

Os temas se sucedem: atenção especial à nova encíclica do Papa assinada junto ao túmulo de São Francisco, o tema da Campanha da Fraternidade, fraternidade, diálogo e compromisso de amor. Algumas de nossas seções continuam e há novas.

Queridos, os melhores votos de paz e de todos os bens.



Equipe de Redação

Ordem Franciscana Secular do Brasil Conselho Nacional Triênio 2018 – 2021

Maria José Coelho	Ministra Nacional e Conselheira Internacional	coelhozeze@yahoo.com.br
Marco Antônio Dias Rodriguez	Vice-Ministro Nacional e Conselheiro Internacional Suplente	marcoadrodriuez.ofs@gmail.com
Jucilene Caldas da Silva	Conselheira Nacional para Área Norte	cilene_caldas@hotmail.com
Paulo Gomes Mesquita	Conselheiro Nacional para Área Nordeste A	pazebemofs@hotmail.com
Ebevaldo Oliveira do Nascimento	Conselheiro Nacional para Área Nordeste B	ebevaldo@hotmail.com
Clodoaldo dos Santos	Conselheiro Nacional para Área Centro - Oeste	clodaldo@escolaimaculada.com.br
Maria Lúcia de Jesus Barbosa	Conselheiro Nacional para Área Sudeste	luciamariamar@yahoo.com.br
Aura Lana dos Reis Kamradt	Conselheira Nacional para a Área Sul	aura.karadt@gmail.com
Antônio Julio Martins	Secretário Nacional	ajmartins@terra.com.br
Felipe Paiva	Tesoureiro Nacional	tesourariaofsbr@gmail.com
Mayara Ingrid Sousa Lima	Coordenadora Nacional de Formação	mayaingrid@yahoo.com.br
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos	Coordenador de Comunicação	m3bernardo@gmail.com
José de Ribamar Castro	Assessor Jurídico	castrjd@uol.com.br
Helmir Soares da Silva	Animador Fraternal Nacional para JUFRA	helmir.sadia@hotmail.com
Irmã Claudenice Aparecida Sabadin, FCM	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	clausabadin@hotmail.com
Frei Francisco Alberto Bindá Libório, TOR	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	novoemailfo@yahoo.com.br
Frei Arnaldo Cesar Rocha, OFMConv	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	freiarnaldoconv@gmail.com
Frei José Maria Maia de Lima, OFMCap	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	frzemia@gmail.com
Frei Túlio de Oliveira Freitas, OFM	Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA	tulio.defreitas@hotmail.com
Aluisio Victal	Conselheiro Fiscal Efetivo	aluisio.victal@gmail.com
Joseval Ferreira Ramos	Conselheiro Fiscal Efetivo	jvalramos1@gmail.com
Maria Izabel	Conselheiro Fiscal Efetivo	bel.barbosa1000@outlook.com
José Douglas Soares Cordeiro de Souza	Secretário Fraternal (Presidente) Nacional da JUFRA do Brasil	josedouglas_cordeiro@hotmail.com
Nunes Dantas da Silva	Conselho Fiscal Suplente	nuneso@yahoo.com.br
Mário Zanchetta Sobrinho	Conselho Fiscal Suplente	mariozanchetta@terra.com.br
Cleide Aparecida Marchi	Conselho Fiscal Suplente	capmarchi@terra.com.br

PALAVRA DO CONSELHO

“Recomecemos irmãos, pois pouco ou nada fizemos.” (São Francisco de Assis)

Queridas irmãs e queridos irmãos, paz e bem! Que o Senhor, fonte de todo amor e misericórdia, nos conceda a paz!

Continuemos nossas orações por todos irmãos e irmãs da Família Franciscana, pelos nossos familiares e por toda humanidade para que esta pandemia termine logo e, enquanto a vacina não está disponível, sigamos tomando todos os cuidados necessários.

O ano de 2020 foi marcado por tantos desafios, perdas, tristezas, conflitos. Em alguns momentos podemos ter sentido um certo vazio, mas foi também um ano de um “novo”, um novo formato de vida, de viver a esperança e crer que nosso Pai Misericordioso continua olhando por todos nós. Apesar de tantos momentos difíceis, podemos destacar de um modo especial a nossa união, nossas orações, um novo formato da vivência de fraternidade e o cuidado por todos aqueles que estão necessitando de algum auxílio, seja material ou espiritual.

Dentro deste “novo”, o Conselho Nacional teve que se adaptar e continuar seus serviços e suas tarefas para que pudéssemos realizar o que fosse possível e podemos destacar nesse ano de 2020 alguns avanços significativos: o decreto de aprovação do CIOFS e o Registro em Cartório do Novo Estatuto do Nacional e sua publicação oficial pela nossa irmã Ministra Maria José (Zezé), o retorno do Secretariado Nacional da Igreja da Prainha para o Edifício Darke, algumas reestruturações dentro do próprio Secretariado Nacional, a Revista Paz e Bem, o pagamento da Contribuição Anual e parcela da dívida ao CIOFS, entre outras questões que iremos destacar.

Começamos pelo novo Estatuto Nacional que foi aprovado em Assembleia Extraordinária no dia 14 de março de 2014. Desde a eleição deste Conselho, o irmão José de Ribamar Castro (Assessor Jurídico Nacional) iniciou um diálogo com o CIOFS e outros irmãos para a regularização e aprovação do novo Estatuto. Após diversas trocas de e-mails, contatos e ajustes, o Decreto do CIOFS com aprovação do nosso Ministro Geral foi expedido em 18 de junho de 2020. Ainda faltava o registro do Novo Estatuto no Cartório e isso aconteceu no dia 19 de outubro de 2020. No dia 30 de outubro de 2020 ocorreu a Publicação Oficial da nossa Ministra Maria José para todos os Regionais e Fraternidades Locais. Agradecemos a todos irmãos e irmãs que, direta ou indiretamente, ajudaram nesse processo e, também, a todos que estiveram em oração para que o Estatuto fosse finalmente concretizado.

Um outro ponto que merece destaque é o retorno do Secretariado Nacional para seu antigo endereço, no Edifício Darke. Em reunião, o Conselho Nacional, após analisar diversas questões, aprovou a troca do endereço. Foi um momento de difícil decisão mas, devido a algumas circunstâncias, o Conselho aprovou o retorno. O comunicado foi feito pela irmã Ministra Maria José em uma reunião online com a Ministra da Fraternidade São Francisco da Penitência, Valéria Pinheiro, e o administrador do Museu Sacro São Francisco da Penitência, Carlos Pinheiro. Estavam presentes, também, o Assessor Jurídico, José Ribamar de Castro, e o Vice-Ministro Nacional, Marco Antonio. Os irmãos acolheram fraternalmente o comunicado da irmã Ministra Nacional e agradecemos à Fraternidade por essa parceria de tantos anos, que proporcionou um local de grande importância para a história de nosso Secretariado Nacional. Além desse processo, houve um retorno positivo por parte do Conselho Regional Sudeste 2 (RJ/ES) para que as salas do Ed. Darke sejam compartilhadas entre o Nacional e o Regional. Após essas conclusões deu-se início no processo de mudança e na reestruturação física do Secretariado Nacional.

Durante o ano de 2020 foram feitas algumas avaliações que proporcionaram o cancelamento de alguns custos e a redução de outros. Além disso, foi feita a compra de uma nova impressora e de um smartphone, que será utilizado como WhatsApp oficial da OFS do Brasil, que ajudarão na proposta de organização para o trabalho que será desenvolvido no novo espaço. No ano de 2021 daremos continuidade na reestruturação e análise de custos do Secretariado Nacional.

Com relação à Revista Paz e Bem, buscamos alternativas para fazer o envio impresso, que estava comprometido por conta da pandemia e do cuidado com a saúde de nossos funcionários e seus familiares. Estamos retomando as impressões e as edições da revista, as de 2020 e as de 2021, estão sendo enviadas normalmente. Além disso, está sendo revisto o seu processo de melhoria da gestão (cadastro, impressão, cobrança e distribuição). O mesmo está em andamento, bem como a articulação com o sistema Francelo, que será tema de novidade para os próximos meses.

Sobre o pagamento da Contribuição Anual e da primeira parcela do Acordo com o CIOFS, o processo foi feito por transferência bancária através do Banco do Brasil. Agradecemos todo empenho do nosso irmão Tesoureiro Nacional Felipe Paiva para que nosso compromisso com o CIOFS fosse mantido e honrado.

Agradecemos a todos irmãos e irmãs que estão em oração pelo nosso Conselho Nacional e pedimos que continuem em sintonia nesse ano de 2021 para que possamos fazer nosso serviço da melhor forma possível e, sendo conduzidos pelo Espírito do Senhor, que o trabalho desenvolvido seja um sinal de Francisco e Clara no mundo de hoje.

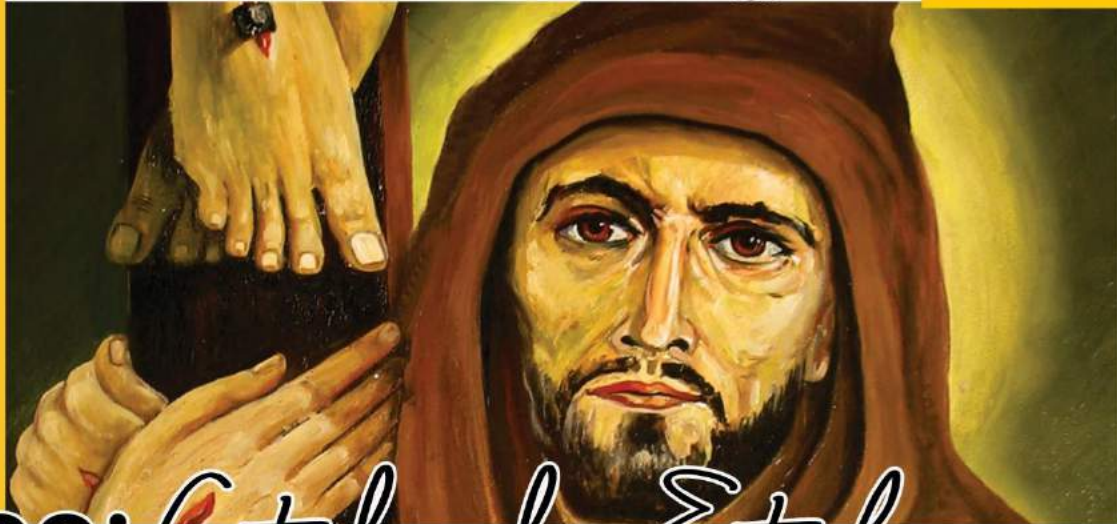
Um ano de 2021 repleto de toda Paz e de todo Bem e de todas as bênçãos do Altíssimo, com a intercessão de nossa advogada e mãe Maria, nossa Imaculada Conceição.

Um abraço fraterno a todas irmãs e a todos irmãos da nossa OFS do Brasil. Paz e bem!

MARCO ANTONIO DIAS RODRIGUEZ
Vice-Ministro Nacional da OFS do Brasil



Tema de *Estudo*



Francisco: *Catador das Estrelas*

• Não cansamos de nos abeirar da figura de Francisco, nosso pai e nosso irmão. Somos membros de sua família espiritual. Desejamos que seu espírito, de fato, anime a todos. A respeito de sua biografia, bem ou mal, quase tudo sabemos. Precisamos, isto sim, nos deixar assombrar, surpreender, quase “assustar” por seus gestos e posturas para retermos em nós os raios de sua beleza e darmos o testemunho de pessoas apaixonadas pelo Senhor e por aqueles que o Senhor ama. O Amor precisa ser amado.

• Francisco, sem dúvida, em toda a sua vida, foi alguém que procurou apaixonadamente a Deus. Ninguém pode negá-lo. A paixão é uma das características de seu temperamento, mesmo antes de ser tocado pela graça do Altíssimo. “Ele falava com todas as pessoas de seus pensamentos ousados e altaneiros, a maneira como ele ia se tornar herói e um príncipe... as pessoas julgavam-no um contador de vantagens enquanto ele vivia aquilo como um projeto sagrado. Seu temperamento de fogo era tal que ele não podia se contentar com medidas moderadas. Esperava com paixão o mais nobre e mais prestigioso na terra” (François d’Assise, Hermann Hesse, p. 26).

• Frei Jean-Baptiste Auberger, OFM, em artigo em papel amarelado pelo tempo que encontrei há dias, escreve a respeito deste “apaixonado”. Um temperamento sem acomodações. “Múltiplas são as situações evocadas pelos biógrafos que nos revelam quanto Francisco de Assis, por natureza, era um apaixonado. Não era de seu feitio fazer as coisas pela metade. Esse traço de seu temperamento manifesta-se já por ocasião de uma peregrinação a Roma, bem no começo de sua conversão (Três Companheiros, 9). Diante da falta de generosidade dos que visitavam o túmulo de São Pedro, revoltado e, num gesto teatral que pode-se bem imaginar, lança por terra um monte moedas de sua bolsa. Depois, saindo da igreja, troca de vestes com um mendigo e se põe a mendigar em seu lugar para experimentar os sentimentos do coração de um pedinte:

humilhação sob o olhar dos homens, ação de graças pela generosidade providencial de Deus”.

• Um apaixonado com matizes de radicalidade. Conhecemos o episódio em que despediu bruscamente um pobre que lhe pedia esmola. “Logo arrependido considerou vergonhosa baixaza não atender aos rogos em nome de um tão grande Rei e tomou a decisão de jamais negar a qualquer que fosse, enquanto de si dependesse, o que em nome de Deus lhe fosse pedido. E foi fiel a esse propósito até se dar inteiramente a si mesmo” (1Celano 17).

• Uma experiência primordial de recolhimento - A origem de sua vocação, recordamo-nos, está ligada a uma voz divina que fez com que ele parasse na estrada de Espoleto, intimando-o a voltar a Assis: “Lá eu te mostrarei o que fazer”. Depois desse acontecimento que o transtornara, durante meses, foi nas grutas e em lugares retirados, deixando o tumulto do mundo, que se pôs em busca da vontade divina. “Para se subtrair aos poucos ao tumulto do século, esforçava-se por guardar Jesus Cristo no íntimo de sua alma e para esconder aos olhos dos curiosos a pérola do Evangelho que ele queria adquirir (...). Quase todos os dias ia orar secretamente. A isso se sentia de algum modo constrangido pela doçura que gozava e que, penetrando a sua alma, o arrancava da rua e de outros lugares públicos para a oração” (Três Companheiros, 8).

• O coração de Francisco mudou. Era como se ele abrisse os olhos pela primeira vez e que seu mundo esvanecesse e desaparecesse. Nele surge algo novo que pede desdobramentos sucessivos até o fim de sua vida. Francisco vai entrar num período de interiorização e de intensa busca pessoal. Há um convite que pede uma mudança de seu projeto de vida, mudança radical. Esta



transformação vai fazê-lo ir a encontro dos outros, dos irmãos em humanidade e de toda criação. A evangelização só pode nascer de um encontro do homem com Deus.

- Esta forte certeza da doçura de Deus, longe do mundo, assemelha-se a uma experiência fundamental de uma escolha eremítica porque é no silêncio e, mais precisamente, no mais íntimo de si mesmo que se nos revela Cristo, imagem de Deus. Um tal bem merece que se renuncie a tudo. Começam os despojamentos: os bens, o pai que não o compreende, as pessoas que o consideram louco. Não sabem que ele se encontra num processo de identificação com o crucificado e a loucura da cruz. Seguimento de Cristo. Uma estrada está se abrindo. Para onde o está levando? Depois, sim, depois, vem o cuidado dos leprosos e ir pelo mundo.

- Não duvidamos que, na vida de Francisco e em nossa trajetória de cristãos e franciscanos, a frequência das grutas é fundamental. Francisco e seus irmãos, no entanto, são também itinerantes, limpam as igrejinhas, mostram-se próximos das pessoas, conversam, reúnem as pessoas para pregação, cuidam dos leprosos, trabalham para terem o que comer, param num lugar para cuidar de um irmão

doente. No meio do mundo, no meio da vida, acelerando a chegada de um mundo novo.

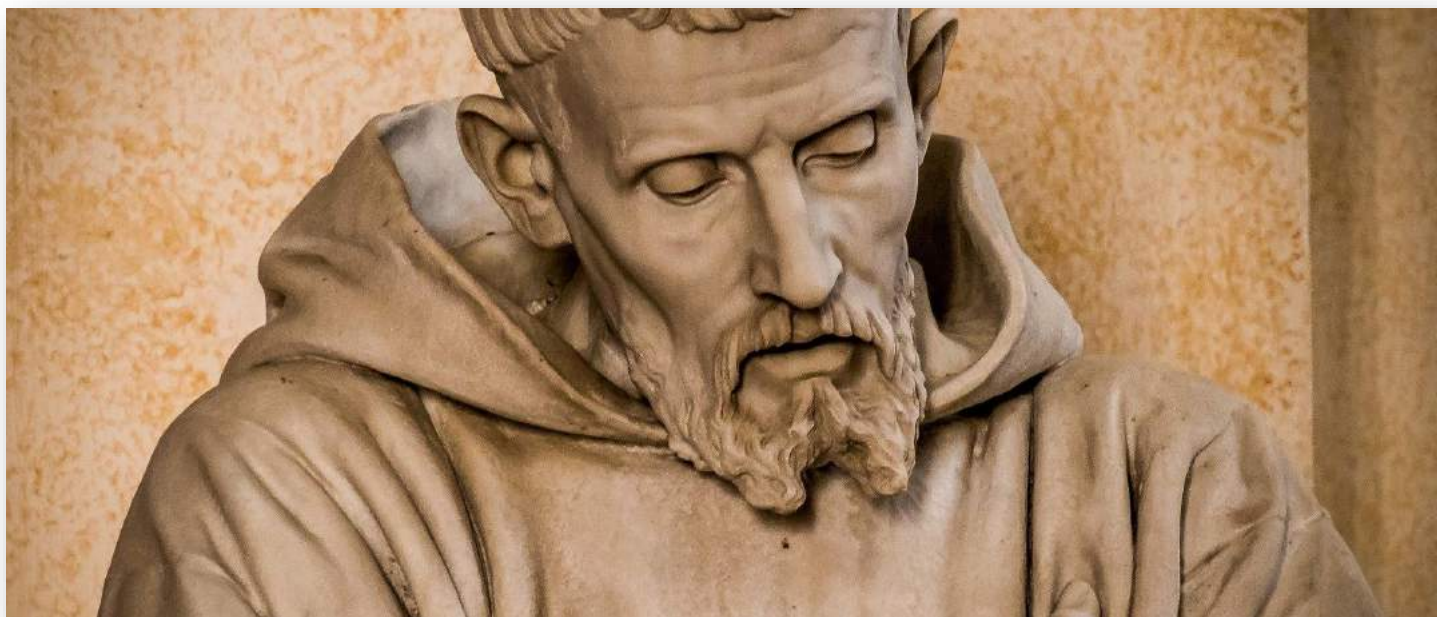
- A nova forma de vida dos irmãos de Francisco é marcada pela mobilidade apostólica. Os membros desta nova aventura não têm morada fixa. O que determina é o anúncio da Boa Nova. Exige liberdade de movimentos. Como os comerciantes da época, Francisco e seus companheiros estão pelas estradas. Os primeiros são enviados pelas regiões mais próximas. Quando eram mais numerosos, Francisco os enviou pelo mundo afora. “Pois, para isso ele vos mandou pelo mundo universo, para dardes testemunho de sua voz por vossas palavras e vossas obras”. Sempre com paixão.

- Como decorrência de sua missão, os frades agora são viajantes e mesmo intrépidos andarilhos. Louvam a Deus tanto pelos pés, como pelos lábios. Seu claustro é o vasto mundo. Isto suscita pitorescos incidentes. Em Erfurt, na Alemanha, por exemplo, alguns quiseram construir um claustro para os frades. Frei Jordão, que nunca tinha visto claustro na Ordem, e que era um infatigável andarilho, na qualidade de responsável pelo grupo, assim respondeu: “Não sei o que é um claustro. Construí somente um abrigo perto do rio para que possamos lavar os pés”.

TEXTO PARA MEDITAÇÃO

No fundo, todos os seres humanos, em todas as culturas, em todos os tempos, carregam em si os mesmos sonhos que em Francisco se encarnaram. Esta, e não outra, é a derradeira razão da admiração que todos lhe devotam. Ele é o homem que todos gostaríamos de ser: humano, afável, fraterno, portador e irradiador da paz. Às vezes ensaiamos uns poucos passos. Tentamos. Outras vezes ficamos a meio caminho. Desanimamos. Não raro, fracassamos. Os sonhos, porém, quando profundos e essenciais, nunca nos abandonam totalmente. Permanecem ali, recolhidos nos recantos de nossas memórias e preces, como nossa verdade e destino. Por isso, não é possível ocupar-nos com Francisco sem que sintamos também, entre agradecidos e admirados, uma doída saudade não do que fomos, mas do que podemos e devemos ser: a nossa própria humanidade, enfim, realizada. Sim, aquele que eu sou saúda triste aquele que eu podia ser. (Hebbel)

(800 anos OFM - Província OFM de Santa Cruz, p. 26)



Encontros com o Papa Franciscus



Somos todos irmãos

No dia 3/10.2020 o Papa Francisco assinou e lançou oficialmente a sua nova Carta Encíclica *“Fratelli tutti”*, sobre Fraternidade e a Amizade Social, mais uma vez inspirada nas palavras do Pobrezinho de Assis, e em perfeita continuidade com a mensagem central da Encíclica *“Laudato Si”*, que destaca nossa comunhão e participação com toda a Criação. A cerimônia se deu junto ao túmulo de nossa Pai Francisco em Assis! Apresentamos a seguir os seus pontos importantes dentro da nossa perspectiva franciscana secular. O dia e o local que o nosso Papa escolheu para lançar a Encíclica já fala tudo, não é? Ele mantém o seu pontificado focado no exemplo de Francisco de Assis e na atualidade de sua espiritualidade! Uma ocasião simples e com todos os cuidados, respeitando o momento da pandemia em curso. Não sei se todos que acompanharam perceberam, mas o Papa mudou de última hora seu itinerário e, antes de chegar a Assis, visitou o mosteiro de Clarissas em Spello (almoçando com elas!) e depois a basílica de Santa Clara, para rezar junto ao seu túmulo. Li na imprensa que o gesto foi uma espécie de resposta à crítica ao título da encíclica por parte de um grupo de teólogos, que acusava o Papa de deixar de lado mais da metade dos membros da Igreja Católica, ou seja, as mulheres, o que não procede pois o Papa apenas manteve a expressão contida no início das Admoestações. E bem sabemos que isso nunca seria feito, principalmente por este Papa que tanto valoriza a figura da mulher na Igreja!

Quero refletir este gesto do atual Francisco como reflexo do Pai Francisco, que tanto valorizou o exemplo e conselho da Irmã Clara! Total comunhão no carisma Francisclariano.

Continuo agora apresentando os principais pontos da Encíclica, tendo como base várias e ótimas reflexões que foram prontamente divulgadas próximo a sua assinatura, com destaque a que pode ser acessada no link abaixo, publicado em 04/10/2020:

<https://www.cnbb.org.br/publica-da-fratelli-tutti-a-enciclica-social-do-papa-francisco/>

Os números entre parênteses se referem à própria Encíclica, que você pode acessar na íntegra em:

<https://franciscanos.org.br/vidac-rista/carta-enciclica-fratelli-tutti/#gsc.tab=0>

“Quais são os grandes ideais, mas também os caminhos concretos para aqueles que querem construir um mundo mais justo e fraterno nas suas relações cotidianas, na vida social, na política e nas instituições?”

Esta é a pergunta à qual pretende responder, principalmente, a “Fratelli Tutti”: o Papa define-a como uma “Encíclica Social” (6), que toma o seu título das “Admoestações” de São Francisco de Assis, que usava essas palavras “para se dirigir a todos os irmãos e irmãs e lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho” (1). A Encíclica tem como objetivo promover uma aspiração mundial à fraternidade e à amizade social. No pano de fundo, há a

pandemia da Covid-19 que – revela Francisco – “irrompeu de forma inesperada quando eu estava escrevendo esta carta”. Mas a emergência sanitária global mostrou que “ninguém se salva sozinho” e que chegou realmente o momento de “sonhar como uma única humanidade”, na qual somos “todos irmãos”. (7-8).

A Encíclica apresenta oito capítulos e o primeiro deles, *“As sombras dum mundo fechado”*, apresenta as muitas distorções dos dias atuais: *“a manipulação e a deformação de conceitos como democracia, liberdade, justiça; o egoísmo e a falta de interesse pelo bem comum; a prevalência de uma lógica de mercado baseada no lucro e na cultura do descarté; o desemprego, o racismo, a pobreza; a desigualdade*



de direitos e as suas aberrações como a escravatura, o tráfico de pessoas, as mulheres subjugadas e depois forçadas a abortar, o tráfico de órgãos (10-24)”.
Em contraposição a essas distorções, o segundo capítulo traz o exemplo do Bom Samaritano, “*Um estranho no caminho*”, mostrando que somos todos chamados a estar próximos uns dos outros (81), superando preconceitos e interesses pessoais.

No terceiro capítulo reflete-se sobre o servir e abrir-se ao outro. O amor constrói pontes e nós “somos feitos para o amor” (88), acrescenta o Papa, exortando em particular os cristãos a reconhecerem Cristo no rosto de cada pessoa excluída (85). O Papa nos exorta a cada um de nós “sair de si mesmo” para encontrar os outros (88), abrindo-nos ao próximo segundo o dinamismo da caridade, que nos faz tender para a “comunhão universal” (95). A estatura espiritual da vida humana é medida pelo amor que nos leva a procurar o melhor para a vida do outro (92-93).

O quarto capítulo, “*Um coração aberto ao mundo inteiro*”, aborda o tema das migrações, talvez não tão crítico para nós brasileiros quanto em outros países (guerras, perseguições, catástrofes), mas não se pode esquecer dos venezuelanos e bolivianos que buscam no Brasil mais

oportunidades. Também há os muitos brasileiros que saem em busca de mais segurança e perspectivas. O direito a viver com dignidade não pode ser negado a ninguém, afirma o Papa.

O quinto capítulo, “*A política melhor*”, reflete sobre o real significado da política enquanto uma das formas mais decisivas da caridade porque está ao serviço do bem comum (180) e conhece a importância do povo (160). A melhor política protege o trabalho, “uma dimensão indispensável da vida social” e procura assegurar que cada um tenha a possibilidade de desenvolver as suas próprias capacidades (162). A tarefa da política, além disso, é encontrar uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais, tais como a exclusão social; tráfico de órgãos e tecidos humanos, armas e drogas; exploração sexual; trabalho escravo; terrorismo e crime organizado.

Do sexto capítulo, “*Diálogo e amizade social*”, emerge também o conceito de vida como “a arte do encontro” com todos, também com as periferias do mundo e com os povos originais, porque “de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo” (215).

O sétimo capítulo, intitulado “*Percursos dum novo encontro*”, sublinha que a paz é “proativa” e visa formar uma sociedade baseada no

serviço aos outros e na busca da reconciliação e do desenvolvimento mútuo. Ligado à paz está o perdão: devemos amar todos sem exceção, mas amar um opressor significa ajudá-lo a mudar e não permitir que ele continue a oprimir o seu próximo (241-242). Perdão não significa impunidade, mas justiça e memória, porque perdoar não significa esquecer, mas renunciar à força destrutiva do mal e da vingança. Nunca esquecer “horrores” como a Shoah, os bombardeamentos atômicos em Hiroshima e Nagasaki, perseguições e massacres étnicos – exorta o Papa – devem ser sempre recordados, novamente, para não nos anestesiarmos e mantermos viva a chama da consciência coletiva. E também é importante fazer memória do bem (246-252). Ao mesmo tempo, reafirmar e respeitar “a sacralidade da vida” (283) quando “partes da humanidade parecem sacrificáveis”, tais como os nascituros, os pobres, os deficientes, os idosos (18).

O oitavo capítulo finaliza a Encíclica apresentando que as “Religiões estão ao serviço da fraternidade no mundo” e que um caminho de paz entre as religiões é possível; mas é necessário garantir a liberdade religiosa, direito humano fundamental para todos os crentes (279).

Um convite:

Se você quer refletir mais sobre o que a encíclica diz especificamente a nós franciscanos, assista a live com o tema “Da Laudato Si a Fratelli Tutti”, que ocorreu dia 03/10 por iniciativa dos Capuchinhos, CFFB e OFS de São Paulo e contou com a participação de nossa irmã Moema Miranda.

O VÍDEO PODE SER ACESSADO NO LINK ABAIXO:

<https://www.youtube.com/watch?v=-myiypigkly>



Palavra de São Francisco

É isto o que eu quero.

É isto o que eu desejo,

É isto o que vou fazer

Introdução

O título nos reporta para um dos momentos mais importantes da vida de São Francisco. Nesta frase está guardado o memorial da nossa origem, do nosso carisma. Ela faz parte do processo de conversão de Francisco. Por isso, além do pronome demonstrativo “isto”, vem formada com verbos muito expressivos, fortes e caros para nós, seres humanos: *procurar, querer, desejar e fazer*.

I. COMO NASCEU?

Diferentemente de São Paulo, Francisco foi sendo convertido aos poucos. Tudo começou quando, na loja de seu pai, todo tomado pelo lucro das vendas, nem percebera um pobre que entrara e lhe pedira uma esmola pelo amor de Deus. Depois que o pobre saiu, Francisco foi tomado de profunda vergonha. Prometeu, então, não negar mais nenhuma esmola a quem lhe pedisse algo pelo amor de Deus. Assim, de um Francisco soberbo e voltado para o dinheiro e para o lucro, nasceu um Francisco mais humano, nobre, gentil, caridoso: um cavaleiro, desejoso da glória e da grandeza humana.

A segunda conversão surgiu através do famoso sonho de Espoleto. Enquanto Francisco dormia, um misterioso personagem apareceu-lhe questionando a grandeza daquele seu novo propósito. Francisco, então, volta atrás, larga as glórias do mundo, a

cavalaria, e põe-se à procura de um novo e grande senhor. Foi sua segunda conversão.

A terceira nasceu do encontro com o Crucificado de São Damião que lhe ordenou que fosse reconstruir sua casa. A partir desse encontro, Francisco deixa a família, o mundo para viver como eremita. Sozinho, divide seu tempo ora recolhido e rezando nas grutas e igrejinhas abandonadas, ora cuidando dos leprosos ou reconstruindo as igrejinhas pobres e danificadas.

Mas, isso não o satisfazia de todo. Recebera de seu novo Senhor a missão de reconstruir a Igreja. Mas, como? Vivendo como leigo ou eremita ou, quem sabe, tornando-se beneditino? Então é que lhe adveio a graça de um novo encontro. Na festa do Apóstolo São Matias, Francisco estava na igreja da Porciúncula, ouvindo a missa. Foi proclamado o

Evangelho no qual Cristo ordenara aos seus Apóstolos:

- Que deviam *ir pelo mundo, pregando o Reino de Deus e a penitência* (Cf. 1C 22);

- Que não deviam *levar nem ouro nem prata nem sacola nem alforje nem pão nem bastão e nem tivessem calçados nem duas túnicas* (Cf. LTC 25,2-7; 26,5; 27,1).

Isto, que acabara de ouvir, tocou-o profundamente. Foi um raio de luz que veio iluminar sua mente, um fogo que começou a arder e crepitar em seu coração. Imediatamente, entusiasmado no espírito de Deus, exclamou: *É isto o que eu quero, isto que procuro, é isto que eu desejo fazer com todas as fibras do meu coração!* (1C 22). E, como não era ouvinte surdo, mas cumpridor fiel da Palavra do seu Senhor, trata de pôr logo tudo em prática: grava bem na memória tudo o que ouvira; troca de vestes e



começa a anunciar o Evangelho e a pregar a paz e a penitência com simplicidade, percorrendo povoados, castelos e cidades (Cf. LTC 25,4-6).

Assim, Francisco tinha, agora, um novo caminho, uma nova vida, uma nova regra, uma nova missão: o caminho, a vida, a regra e a missão dos Apóstolos. Por isso, essa conversão poderia ser chamada, além de “Conversão evangélica”, “Conversão apostólica”. Ela marca o fim, a consumação de todas as anteriores, bem como o começo, o princípio, o fundamento e a raiz de sua nova vida ou existência. A partir de agora, sua vida será seguir Jesus Cristo crucificado **como os Apóstolos**.

II. O ISTO DE FRANCISCO, HOJE

Como no tempo de São Francisco, principalmente neste tempo de pandemia, estamos diante de uma nova época, de um novo tempo que nos lança o apelo de novas respostas, sempre mais evangélicas, mais franciscanas. É o convite que nos faz nosso Ministro Internacional:

Mesmo que isto tudo termine, sabemos que não poderemos continuar nossa vida como antes. Temos que encontrar uma vida mais fraterna, mais sustentável, esforçando-nos por viver de maneira simples, com espírito de desprendimento dos bens temporais simplificando as próprias necessidades materiais. Temos que ler os sinais dos tempos. Deus nos está ensinando também através do mundo externo, não somente através de nosso mundo espiritual interno. As mudanças externas têm que fazer-nos mudar por dentro... (Tibor Kauser, Ministro Internacional da OFS, anunciando o XVI Capítulo Geral e VII

A partir de então, Francisco e seus companheiros viviam como irmãos em pequenos grupos, chamados de Fraternidades; como os Apóstolos, não possuíam nada, nenhuma propriedade nem em particular nem em comum; sempre “em saída”, visitavam povoados e cidades anunciando a paz a todos. Até mesmo as Clarissas, que viviam enclausuradas, seguiam a Vida Apostólica. Pois, diferentemente das demais Ordens contemplativas, além de não terem nenhuma propriedade, seus mosteiros tinham um espaço que estava sempre aberto para receber e atender todas as pessoas, principalmente os pobres, doentes e aflitos.

Capítulo eletivo, 17 de setembro de 2020).

Algumas perguntas se nos impõem: estamos, nós franciscanos, à altura da graça desse novo Tempo? Qual a contribuição que vamos dar para que em vez do deus dinheiro, do deus lucro, do deus poder, do deus propriedade, do deus consumo, do deus fama, do deus e da religião do “eu” surja uma Humanidade e uma Igreja assentadas ou enraizadas na graça do despojamento, do encontro com todos, sem distinção, principalmente com os pobres; uma humanidade que, em vez das armas, aprenda e cultive a riqueza do encontro, do diálogo, da fraternidade social, da justiça e da paz!?

Além do mais, será mero acaso que, justamente neste tempo do jubileu dos 800 anos do início de nossa Ordem, de nossa Vida e Regra, todos, indistintamente, sejamos sacudidos por esta pandemia; que Deus tenha despertado no coração de

Mas a vida dos Apóstolos brilhava também de modo clarividente na Terceira Ordem. Vivendo como Irmãos e Irmãs, conduzidos pelo Evangelho, **a exemplo dos Apóstolos** e sob a orientação de Francisco, os terciários franciscanos formavam pequenas Fraternidades; viviam no mundo e ocupando-se com as coisas do mundo; cuidavam dos pobres e doentes e fortaleciam suas famílias e suas comunidades com o tempero do amor, da alegria e da paz. A exemplo dos apóstolos, não portavam armas, não entravam em litígio com ninguém como, também, a ninguém prestavam juramento, senão tão só e unicamente a Deus.

um menino, um garoto de apenas 15 anos, o Bem-aventurado Carlos Acutis, uma profunda admiração e paixão por São Francisco e seus princípios evangélicos, principalmente seu amor à pobreza, aos pobres, a alegria da vida e a devoção à Eucaristia?!

Então, não podemos deixar de perguntar-nos: O que estamos fazendo diante de tudo **ISTO**? Outrora, o Papa Inocêncio III tivera um sonho misterioso: um pobre e desprezível homem sustentava a Basílica de Latrão, que estava prestes a ruir. Quando, depois, apareceu-lhe Francisco, pedindo que lhe aprovasse a Regra, disse: *Este é o homem que vi no sonho! Ele é quem vai sustentar a Igreja através do exemplo e de sua doutrina* (2C 17). Nosso Papa, nosso Bispo, nosso Pároco poderiam dizer o mesmo de cada um nós e de nossas Fraternidades, hoje?

Conclusão

Por tudo isso, recordemos atentamente o que professamos:

A Regra e a Vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o exemplo de São Francisco de Assis que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens... Os franciscanos seculares se empenhem, sobretudo, na leitura assídua do Evangelho, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho (Regra da OFS, art. 4 e 5).



Eclesiologia Franciscana:

Francisco de Assis e a Igreja Sacramento

Dando continuidade ao estudo da Teologia Franciscana, refletiremos, este ano, sobre a perspectiva de Igreja de Francisco de Assis.

Iniciaremos procurando esclarecer o termo **Eclesia**, que provém do substantivo grego *ἐκκλησία* [Ekklesia], combinação da preposição *ἐκ* [ek] ou *ἐξ* [ex] com o verbo *καλέω* [kaléo], sendo *ek* ou *ex* = *para fora* e *kaléo* = *chamo; convoco*.

O sentido etimológico é: *chamados ou convocados para fora*. Ou seja, os cidadãos eram *chamados para fora de suas casas particulares para se reunirem publicamente na praça*, para tratarem e deliberarem sobre a administração da cidade.

Para tradução do substantivo hebraico *קָהָל* [qāhāl], foi escolhida a palavra *assembleia*, que designava o *povo do deserto*, reunido por Moisés.

Portanto, na Bíblia, *Eclesia* designa a *Assembleia* (At 19, 32.39.41).

Eclesiologia é o ramo da teologia cristã que trata da doutrina da Igreja: origem, características, organização, forma de governo, mudanças temporais, relacionamento com o mundo, papel social etc.

A Eclesiologia Franciscana exige uma fé e uma razão orientadas pelo desejo de viver e mergulhar no mistério presente na Igreja, tomando parte ativa na sua estrutura, não se tratando apenas das doutrinas contidas nas obras dos teólogos franciscanos.

Quando Francisco diz, em seu Testamento que *“Deus lhe concedeu e a seus irmãos tanta fé nas igrejas e tanta fé nos sacerdotes”*, possui uma concepção própria de igreja, que integra a igreja visível (pessoas, templos, ritos), sua estrutura sacramental invisível e a autoridade eclesiástica (Papa).

Ao falar na igreja visível (realidade concreta), ele o faz da perspectiva de um secular e não de um clérigo e *descreve-a, sobretudo, quando fala das atitudes interiores e exteriores que a fé o faz assumir na presença de todas as realidades eclesiásticas. Os sentimentos espirituais lhe são inspirados, fundamentalmente, porque em todas estas realidades concretas ele vê o Filho de Deus*. O louvor, o amor, a fé, a confiança de recorrer a ela, a sujeição a todas as realidades que formam essa Igreja, Francisco os dirige

a Jesus Cristo invisível, mas presente nessas realidades concretas e visíveis, pois nelas está a Redenção.

Enfim, Francisco tem uma visão sacramental da Igreja, uma visão eucarística dela.

Ele tem confiança nas igrejas-templos de culto, porque sua fé nelas encontra, sacramentalmente, o Senhor. Diante dos templos, *ele se sente como se estivesse diante de um mistério pessoal: quando vai à igreja, vai à casa daquele que é adorável e que o remiu*.

Francisco quer aderir incondicionalmente à Igreja para aderir ao Verbo encarnado, que se apresenta nela.

E, sendo o sacerdote quem consagra e ministra a *Eucaristia* - *na qual divindade e humanidade invisíveis do Filho de Deus são espiritualmente visíveis* - *nenhuma ninharia ou pecado do sacerdote pode ser tão grande que impeça essa presença real sacramental. Por isso, ele não quer ver nenhuma outra coisa nos sacerdotes senão esse mistério sagrado, porque neles vê o Filho de Deus*.

Mas, fazendo própria essa eclesiologia sacramental, prevalentemente eucarística... é consciente também da função necessária do Espírito Santo na edificação dessa mesma Igreja.



Os dois aspectos - o sacramental eucarístico e o pneumológico - estão claros em sua Admoestação 1, 16-22: *Portanto, somente acolhendo o Espírito Santo, os que creem em Cristo, dóceis ao Espírito Santo, edificam a Igreja concreta, como Igreja dos cristãos unidos, por meio da fé, com Cristo, quer dizer, como seu Corpo místico.*

Mas a realização desta Igreja universal e perene na história e nos lugares está confiada também à nossa corresponsabilidade. *Não é difícil reconhecer nas palavras de Francisco, em seu compromisso e no de seus humildes frades dentro da Igreja, desde os primeiros momentos da Ordem, aquilo que chamamos hoje de uma Ecclesologia de comunhão, da qual nos fala o Concílio Vaticano II.*

Sem ser teólogo, o Pobrezinho de Assis sente que a comunhão própria da Igreja leva em si a participação da totalidade dos fiéis, quer dizer, da comunidade, na totalidade da vida da Igreja.

Pode-se dizer que a *eclesialidade* é algo constitutivo da forma de vida proposta por Francisco e o que o distingue dos movimentos heréticos de sua época. Ela sintetiza os elementos fundamentais: pobreza, humildade-minoridade: *sempre submissos e sujeitos aos pés da santa Igreja, firmes na fé católica, observemos a pobreza, a humildade e o santo Evangelho de nosso*

Senhor Jesus Cristo que firmemente prometemos. (RB 12, 4)

Essa eclesialidade ou pertença à Igreja, sobretudo no princípio da Ordem, não foi fácil para Francisco e seus companheiros. Os bispos não viam com clareza a diferença entre os hereges e esses novos penitentes de Assis.

Porém, não foi a vida pobre que provocou a condenação dos movimentos laicais pauperísticos e a aprovação do movimento franciscano e sim motivos de fé.

Constatamos isso *quando os movimentos condenados são de novo aceitos pela Igreja e não se exige deles que abandonem a pobreza, mas que não ensinem que a pobreza é condição de salvação...*

Entretanto, esse *maniqueísmo eclesiológico não se encontra nos escritos de Francisco.*

Esse modo de defender a pobreza não era o modo com que Francisco defendeu evangelicamente sua escolha da vida em pobreza.

Fica, para nós, a reflexão sobre a “*continuidade ou descontinuidade da eclesiológica dos franciscanos na relação com o sentido eclesial de Francisco de Assis*”.

Fonte: MERINO, José Antônio; FRESNADA, Francisco Martínez (org.) Manual de Teologia Franciscana. Capítulo IV – Ecclesologia Franciscana – Alfonso Pompei





Vida Eucarística: Precioso Mistério

O próprio Altíssimo, que diz: Isto é meu corpo e o meu sangue da Nova Aliança [que será derramado por muitos] (Mc 14,22,24) e: quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna (cf. Jo 6,55). Por isso, o espírito do Senhor, que habita em seus fiéis, é quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor. [...] Portanto, ó: filhos dos homens, até quando estareis com o coração duro? (Sl 4,3). Por que não reconheceis a verdade e não credes no Filho de Deus? (cf. Jo 9,35). Eis que, diariamente, Ele se humilha, como quando veio do trono real (Sb 18, 15) ao útero da Virgem; diariamente, Ele vem a nós em aparência humilde; diariamente, Ele desce do seio do Pai (cf. Jo 6,38; 1,18) sobre o altar nas mãos do sacerdote. E assim como Ele se manifestou aos santos apóstolos na verdadeira carne, do mesmo modo Ele se manifesta a nós no pão sagrado. [...] E, desta maneira, o Senhor está sempre com os seus fiéis, como ele mesmo diz: Eis que estou convosco até o fim dos tempos (cf. Mt 28,20). (Adm. 1)

Ao receber o Corpo do Senhor, lavava-se antes em lágrimas ardentes e, acercando-se a tremer, não o temia menos escondido no sacramento que regendo céu e terra. (LSC 28, 4)

Falar de Francisco, Clara e a Eucaristia nos leva a aprofundar o grande significado que a Eucaristia deve ter na nossa vida cristã.

Francisco foi considerado o homem eucarístico, não porque tinha *devoção* pela Eucaristia, mas por compreender seu sentido, como doação total de Jesus Cristo.

Clara, à semelhança de Francisco, diz não conhecer nada maior do que o Santíssimo Corpo e Sangue de Nosso Senhor: “Ó *grandeza admirável, ó condescendência assombrosa, ó humildade sublime, ó sublime humildade que o Senhor de todo o universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para nossa salvação, nas aparências de um bocado de pão!*”

Tanto o pai seráfico como Clara, em seu amor esponsal, compreenderam a profundidade do amor do Cristo Eucarístico. Portanto, a perspectiva franciscana remete à carinhosa reflexão sobre o precioso Mistério Eucarístico.

Mas, qual é o mistério? Acreditar, sem entender, que um pouco de vinho e um pedaço do pão são corpo e sangue de Cristo?

Mistério é o impulso para desvelar tudo que Deus criou de bom para nós, a partir daquele gesto e, assim, chegar a descobrir o próprio Deus.

Mistério não é uma porta fechada, mas um estímulo à abertura para desvendar um tesouro infindável. O Pai quis abrir uma porta em nossa necessidade diária de comer e beber em nosso ninho familiar e, por isso, se fez comida e bebida.

O mistério a ser desvelado é: como somos capazes de não ver Deus em tantas coisas concretas que nos envolvem e mesmo em nosso corpo? Nosso desafio é muito maior do que entender como Deus pode estar num pedacinho de pão e algumas gotas de vinho.

Frei Pedroso nos diz que precisamos recuperar o valor da existência concreta, do corpo, da carne.

Ele afirma que nossas Eucaristias ficaram abstratas, porque negamos o valor da carne. Carne que não é exatamente nossa, pois a recebemos conforme a imagem de Deus, que é Jesus Cristo.

Jesus assumiu a carne, transformando a sua e nossa carne em pão.



É na família que nossos corpos se unem, que se vive a carne assumida como pão de Deus.

Jesus nasceu para nós como Emanuel – Deus conosco – e “o Verbo se fez carne”, isto é, a ideia de Deus se tornou concreta, porque Ele assumiu um corpo como o nosso.

Quando lemos em João, que Jesus disse: “*Eu sou o Pão da vida, quem come desse pão vive para sempre*”, isso significa que Ele está nos ensinando que Deus está presente e concreto no meio de nós, em tudo que tocamos.

Deus inventou a vida humana para entendermos e adquirirmos a vida divina, alimentando-nos devagarinho da divindade.

Assim, nossa vida humana se desenrola a partir de um centro que é a Eucaristia.

Entre os povos da Europa e alguns da Ásia Menor, a religião era o culto dos antepassados, sempre celebrado em torno dos mais velhos da família. Todas as casas tinham um altar, que lembrava os antepassados. A mãe mantinha sempre aceso o fogo sagrado e o pai celebrava os sacrifícios, quase sempre relacionados à refeição.

Sacrifício vem do latim *sacrum facere*: tornar uma coisa sagrada, separada. Algo de seu, o que se tem de melhor é separado, para ser dado, ser entregue a uma pessoa amiga e querida: Deus.

Só quando se deixou de considerar Deus como um querido amigo e se teve pena de ter de separar alguma coisa para Ele é que sacrifício passou a ter o sentido de algo doloroso.

Entretanto, Jesus instituiu a refeição como novo sacrifício, para unir as famílias humanas na família divina, abrindo-nos a possibilidade de descobrir Deus no nosso pão.

Na Igreja primitiva, a Eucaristia era celebrada nas casas, como uma refeição em família. O culto familiar continuou a ser feito na mesa familiar, em torno de Jesus – antepassado e futuro de todos.

As famílias agrupadas por parentesco formavam um clã, que ao crescerem em número, formaram nações. E

nestas, os que tinham raízes comuns reuniam-se em assembleias.

A Eucaristia é uma assembleia, que aí tem sua origem.

É grande a influência de nossas raízes.

Assim como todas as árvores mergulham suas raízes e se firmam na terra, embora cada uma cresça de seu jeito e produza flores e frutos diversos, cada uma é conhecida pelos seus frutos.

Para ter consciência das raízes é fundamental a experiência dos mais velhos. O respeito aos que viveram antes de nós demonstra a capacidade de perceber como o relacionamento com os antepassados dá sentido às nossas ações e nos conduz ao fundamento de nossas celebrações.

Será que nosso relacionamento com Deus e nossas celebrações eucarísticas podem estar sendo desenraizados hoje?

Talvez precisemos revitalizar as celebrações familiares!

Mas, principalmente, se faz necessário melhorar a consciência do povo de Deus, preparando o terreno para que possa haver modificações substanciais no futuro de nossa Igreja.

Jesus Cristo se deu por inteiro a nós. Ao instituir a Eucaristia, Ele nos dá a certeza de que permanece sempre conosco.

Afirma o Catecismo da Igreja Católica: “*para deixar-lhes uma garantia deste amor, para nunca afastar-se dos seus e fazê-los participantes de sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memória de sua morte e de sua ressurreição e ordenou a seus apóstolos que a celebrassem até a sua volta, constituindo-os sacerdotes do Novo Testamento*”. (CIC, 1337).

Quando acreditamos verdadeiramente que Jesus está presente no pequeno pedaço de pão, nos permitimos ser sacrários vivos, assim como Maria.

Ao recebermos Jesus na Eucaristia, confiemos que nos unimos a Ele de corpo e alma!

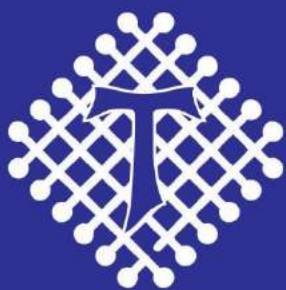
Precioso Mistério Eucarístico!

FONTES:

PEDROSO, José Carlos. Correa. A Eucaristia começa na família. Centro Franciscano de Espiritualidade. Piracicaba/SP. 2001.

LIMA, Franciscarla da Silva Barros. São Francisco e a Eucaristia (Artigo)





Um Laicato

FRANCISCANO



O que a Igreja ensina a respeito dos leigos?

Há alguns anos temos discutido na OFS a importância e a necessidade da vivência de um laicato maduro. Nesse texto vamos refletir sobre alguns aspectos que a Igreja aponta quanto à atuação dos leigos no serviço ao Reino.

Quem são os leigos?

Passados 20 anos do Vaticano II, a Igreja voltou-se ao tema que teve destaque no Concílio e dedicou o Sínodo dos Bispos de 1987 ao estudo de aspectos relativos aos leigos. O documento pós-sinodal, a exortação *Christifideles Laici*, segundo o então Papa João Paulo II, vai tentar uma formulação positiva acerca dos leigos. Implicitamente se reconhece que as anteriores eram algo negativas, quase como os 'coitados' que não são padres nem freiras. Recordamos então que eles não somente pertencem à Igreja, mas são a Igreja. Para entender melhor sua essência e missão deve-se voltar aos efeitos do batismo: "só descobrindo a misteriosa riqueza que Deus dá ao cristão no santo Batismo é possível delinear a 'figura' do fiel leigo". Neste ponto o documento refere-se não apenas à força do batismo, mas especialmente às suas consequências: passar a ser filhos no Filho, formar um só corpo com Cristo e ser Templos vivos e santos do Espírito.

Os leigos participam – de forma diferente que a dos presbíteros - do sacerdócio de Cristo. Os leigos possuem – não perdem! - a secularidade. Um fiel leigo tem um modo de vida e características diferentes dos religiosos. Seu jeito de viver as virtudes é diferente.

A importância dos leigos

Parece existir na Igreja uma ideia equivocada de que os clérigos (bispos, padres e diáconos) são "os protagonistas e figuras mais importantes" da Igreja, enquanto os leigos são "os que escutam", apenas recebendo aquilo que os clérigos têm para dar. O Concílio Vaticano II (que terminou há mais de 55 anos) respondeu a esse clericalismo, voltando a afirmar a dignidade e a missão fundamental dos leigos na Igreja.

Através da sua condição de batizados, todos os leigos não apenas estão na Igreja, mas são Igreja, parte do corpo que tem Cristo por cabeça, assim como os clérigos. Assim, também são chamados a ser discípulos missionários, participantes da missão da Igreja de anunciar o Evangelho. E, para isso, eles precisam experimentar renovadamente que o seu encontro com Jesus é verdadeiro, a fim de anunciá-lo em primeira pessoa. Nós, inseridos em nossas fraternidades, faremos isso através de uma vida de oração, formação, convívio e apostolado. Para corroborar isso, recorro às palavras de São João Paulo II dirigidas aos franciscanos seculares: "A Ordem Franciscana Secular é a mais antiga forma de organização de leigos que, guiados pela Igreja, unidos

em fraternidade e inspirando-se no ideal de São Francisco de Assis, se empenham em testemunhar com a vida o Evangelho de Jesus Cristo e se dedicam ao apostolado no estado laical".

Papel dos leigos: menos teorias e mais compromisso na vida concreta

Em 2019, durante o Encontro da Ação Católica em Ávila, Espanha, a subsecretária do Dicastério vaticano para os leigos, a família e a vida, Linda Ghisoni, nos exortou, sugerindo que cada um "se pergunte como pode viver com renovada consciência seu ser fermento", não somente "nos ambientes de Igreja, mas propriamente nos lugares e momentos ordinários da vida cotidiana, nos contextos de vida pública".

"Não podemos pensar ser leigos transformadores das realidades em que vivemos e trabalhamos se não formos por primeiro transformados", afirmou ela. "Mas é preciso tomar consciência – acrescentou – de que o nosso ser fiéis leigos significa viver como batizados: carregamos conosco o dom de ser renascidos, chamados e convidados a levar não ideias bonitas ou projetos, mas a testemunhar o Evangelho com a nossa vida." E assim, propriamente enquanto "fiéis



leigos conscientes do batismo, dos direitos e deveres originados por ele, conscientes de ser chamados, somos por vocação enviados” que, “para viver de modo sadio e consciente o protagonismo oriundo do batismo”, voltam à “fonte”, mediante a oração e a partilha com os outros, cultivando a formação.

“Como leigos – prosseguiu a subsecretária do Dicastério vaticano – , não podemos desencarnar-nos em relação à realidade em que vivemos, do contrário, trairemos nossa vocação”... “Se somos transformadores, então somos capazes de estabelecer relações novas com os outros, baseadas no perdão, escuta, paciência, diálogo e acolhimento.”

Ghisoni chamou a atenção para “alguns riscos, tentações insidiosas para a nossa vida que neutralizam nosso esforço”. Em primeiro lugar, a ideia de realizar projetos e planos de ação pastorais inspirados nas melhores intenções, guiados pelo nosso esforço voluntário: mas não podemos fabricar o sonho de Deus. “*Desse modo entregaremos o poder ao voluntarismo e correremos o risco de um delírio de onipotência que não tem nada a ver com a imagem do Reino que Jesus nos deu comparando-o ao grão de mostarda.*” Porém, advertiu, “*podemos também cair na tentação oposta: permanecer a nível de pensamento, de ideias, regozijando-nos em explicações teóricas, sem comprometer-nos concretamente, mas aprazendo-nos de modo narcisista com belas construções e ideias sobre os leigos, sobre a Igreja, sobre a formação.*”

Documento 105

Dom Frei Severino Clasen, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato da CNBB entre os anos de 2011 e 2019, destaca a aprovação do Documento 105 da CNBB – ‘Cristão Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade’ como a maior contribuição da Comissão nos últimos anos. “Dentro do Documento 105, uma grande obra da Igreja no Brasil, contém todo o direcionamento da ação dos leigos e leigas no âmbito eclesial e social. O texto impulsionou toda a construção do Ano Missionário e a

culminância com o Ano do Laicato que movimentou praticamente todas as dioceses do país”, destacou o bispo.

De acordo com ele, o Documento 105 da CNBB trouxe aos leigos um novo olhar para a importância de sua ação e comprometimento. “O documento trouxe diretrizes, orientações e a consciência dos cristãos leigos e leigas como sujeitos na ação evangelizadora”. O bispo disse ainda, que, “tem muito para se fazer no âmbito do protagonismo dos leigos, sobretudo no campo da sociedade. Temos um laicato muito voltado para dentro da igreja, precisamos fortalecer este trabalho onde o leigo está: na família, no trabalho, nas escolas, nas universidades e nos meios de comunicação”.

A hora dos leigos? Mas de que leigos se está falando?

Em artigo publicado no site do Instituto Humanitas Unisinos, Cesar Kuzma, teólogo leigo, casado e pai de dois filhos, doutor em Teologia pela PUC-Rio, onde atua como professor-pesquisador do Departamento de Teologia, nos faz alguns apontamentos a partir de alguns importantes documentos da nossa Igreja, como: Lumen Gentium, Gaudium et Spes, o próprio documento 105 da CNBB e o Documento de Aparecida.

De acordo com ele, se o futuro da Igreja passa pelo viés dos leigos, como se diz, há nesta afirmação uma intenção eclesiológica, mas é necessário ficar atento para não se desviar da atenção primeira e para fazer clarear a novidade que se percebe e se propõe. Por certo, não estamos à espera de leigos clericalistas, obsessivos e extremamente fundamentalistas, que caem num moralismo radical e inconsequente, e doutrinariamente incitam mais o ódio e a falta de comunhão eclesial, que carecem de um bom senso, desrespeitando expressões, participações e membros da mesma Igreja, recusando a intenção do Concílio que lançou esta espera, ao reafirmar, com toda a Tradição, que a Igreja é Mistério e é Povo de Deus (Lumen Gentium), e que deve estar atenta aos sinais dos tempos (Gaudium et Spes). O Concílio

trouxe ao leigo autonomia e corresponsabilidade na missão, podendo este agir e atuar de um modo próprio, contudo no viver de uma *koinonia* (comunhão) e em busca de uma maturidade que se abre à ação do Espírito e se empenha em seguir os passos de Jesus, agindo no tempo e na história para fazer acontecer de modo antecipado, escatologicamente, a construção do Reino prometido e esperado.

Kuzma esclarece que ser sujeito eclesial, hoje, significa ser autêntico e coerente com a fé que professa (Doc. Aparecida), significa testemunhar com a própria vida em todas as realidades que se vive, buscando o encontro e o diálogo, a abertura e a mansidão, o desprendimento e a misericórdia, a alegria e o amor. Ser sujeito eclesial, hoje, não é ser conflitivo, muito menos combativo, mas é ser testemunha de uma verdade que não está nos manuais de doutrina, mas no encontro vivo com o Ressuscitado. Não é ser divisor, mas promotor de comunhão. Não é ser mestre das verdades, mas alguém atento ao mistério e disposto a sempre aprender. Não é quem acusa, mas é quem se coloca ao lado dos outros, principalmente dos pobres e daqueles que mais sofrem e são perseguidos, até mesmo pela própria fé.

Deste modo, reforça ele, faz-se necessário voltar-se a Jesus, ao homem do Evangelho, ao filho de Maria e José, ao carpinteiro da vila, ao amigo de Pedro e Tiago, aquele que nos olha nos olhos e nos chama pelo nome, e cuja ação nos desconcerta e nos destrói na razão. Olhar fixamente a Jesus nos fará perceber que ele foi sujeito em seu tempo, estando mais atento às pessoas que a Lei, amando a Deus e fazendo reconhecer este amor no dom de si mesmo ao outro, de quem se fez próximo.

Por fim, Kuzma conclui com uma pergunta que ele mesmo faz questão de responder: É a hora dos leigos? Sim, é a hora! É a hora de um povo que fala, que reza, que luta, trabalha e professa. É o povo de Deus, transformando esta terra!



Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor



A CNBB escolheu para a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 o tema: “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor” e o lema “Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2, 14a). A pertinência de se tratar do Diálogo nos dias de hoje me parece saltante aos olhos. Hoje, no Brasil e no mundo, sentimos uma polarização acentuada que permeia praticamente todos os setores do cotidiano e, longe de trazer bons frutos, conduz ao fechamento e ao isolamento.

Refletindo este cenário mundial, na nossa Igreja afloraram divisões e conflitos internos, oposição ao Papa e impermeabilidade aos apelos contemporâneos da sociedade. A terceira encíclica do Papa Francisco, a *Fratelli Tutti* (FT), vem justamente nesse momento de recrudescimento de posições antagônicas, para chamar a humanidade e a Igreja, ao diálogo fraterno.

A origem da palavra “Diálogo” pode ajudar a entendê-la melhor. De origem grega, ela é composta pelo prefixo “dia” que significa “através; completamente; para o outro lado”, como nas palavras “diáfano” ou “diâmetro”. Portanto, o diálogo começa quando há um movimento para o outro lado, uma transparência que permite ver através. O sufixo “logos” originariamente é traduzido como “palavra, verbo”. Quando lemos: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós...” (Jo 1,14) aqui se narra o diálogo explícito de Deus com a humanidade. Deus não mais fala pelos profetas, mas o Verbo (logos) se movimenta em nossa direção (dia) e habita conosco.

Mais adiante, “logos” recebeu o conceito filosófico traduzido como “razão”. Neste sentido, Diálogo quer significar o movimento em direção à razão do outro, ou seja, só podemos dialogar quando a razão do outro (logos) nos é transparente (dia). Podemos ainda usar as palavras do Papa Francisco e dizer que “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato: tudo isto se resume no verbo «dialogar»” (FT 198).

Apesar de alguns dicionários assim apontarem, o contrário de diálogo não é monólogo. O antônimo será a “incomunicação”, ou seja, a incapacidade de se comunicar. E essa incapacidade não reside na impossibilidade de conversação, mas na impermeabilidade ao outro e à sua razão.

Ao longo da história, seja pelo excesso de certezas, ou por falta delas, diversos grupos sociais, religiões, nações e instituições se fecharam em um conjunto de regras, preceitos e dogmas. A Inquisição, o nazifascismo, os regimes totalitários e todo fundamentalismo possuem raízes

profundas na falta do diálogo.

Ao nível social, a falta de abertura ao outro constrói e solidifica a intolerância religiosa, o racismo, a homofobia, a misoginia e outras chagas da humanidade.

Por outro lado, o excesso de informação, como o que se observa nas mídias, também não significa diálogo, ao contrário, tem servido para dividir e polarizar. O diálogo pode ser confundido com “uma troca febril de opiniões nas redes sociais, muitas vezes pilotada por uma informação midiática nem sempre fiável” (FT 200). Entretanto, alerta o Papa, “não passam de monólogos que avançam em paralelo, talvez impondo-se à atenção dos outros pelo seu tom alto e agressivo” (FT 200).

As “Fake News” são outra chaga na comunicação humana. Aquele boato ou fofoca de décadas atrás, que ficava circunscrito à paróquia ou ao bairro, tomou proporções planetárias e hoje circunda o mundo em minutos. Na notícia falsa “predomina o costume de denegrir rapidamente o adversário, aplicando-lhe atributos humilhantes, em vez de



se enfrentarem num diálogo aberto e respeitoso, onde se procure alcançar uma síntese que vá mais além” (FT 201).

Observar exemplos de comunicação fraterna pode ser um antídoto eficaz para as patologias da comunicação. Em São Francisco, por exemplo, podemos identificar o diálogo em ação. Ele se faz diálogo, ou seja, torna-se transparente para alcançar o outro. Essa diafania é também abertura a Deus, especialmente na figura do Amado, Jesus Cristo. Sua prática cotidiana e incansável de imitar Cristo o torna um sacramento do Amado, levando-o ao fim da vida a assumir suas chagas no Monte Alverne.

Francisco é pedagógico no seu encontro com o Sultão Malik-al-Kamil. Primeiramente na disposição de ir ao encontro do outro, depois na forma como vai, desarmado e aberto. Não há diálogo sem proximidade, muito menos sem abertura ao outro e à sua razão. “São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade” (FT 3), pois no diálogo a nossa razão também

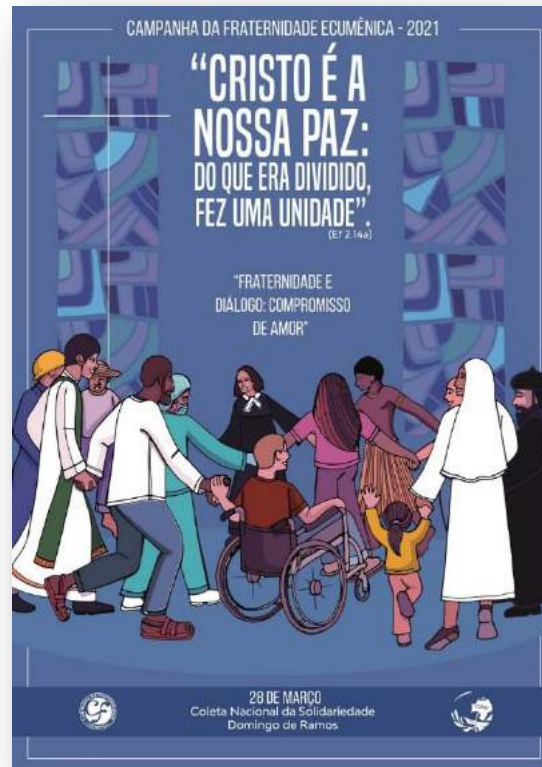
deve ser apresentada ao outro pacificamente.

No diálogo com toda criatura, Francisco deixa-se afetar pelo outro, seja este leproso ou Bispo, ser vivo ou inanimado. O Poverello personifica toda a criação. Todos são chamados de irmãos, pois assim perdem o status de coisa e passam a

ser iguais em dignidade e capacidade de diálogo com ele. Entendermos o diálogo de Francisco nos ajudaria a orientar nossa ação no mundo, onde a crise ecológica, sanitária, econômica e humanitária é, antes de tudo, uma crise de diálogo.

Falar em fraternidade e diálogo deveria soar como algo redundante, pois não há fraternidade sem o verdadeiro diálogo e não há diálogo sem a abertura fraternal ao outro. Nossas comunidades e fraternidades precisam se converter em espaços privilegiados para experimentar a amabilidade do diálogo, a beleza da tolerância e a graça da diversidade.

“O exercício da amabilidade não é um detalhe insignificante nem uma atitude superficial ou burguesa. Dado que pressupõe estima e respeito, quando se torna cultura numa sociedade, transforma profundamente o estilo de vida, as relações sociais, o modo de debater e confrontar as ideias” (FT 224). Um mundo onde haja Paz e Bem deve, necessariamente, nascer do diálogo e da “fraternura” com o outro e com a criação.



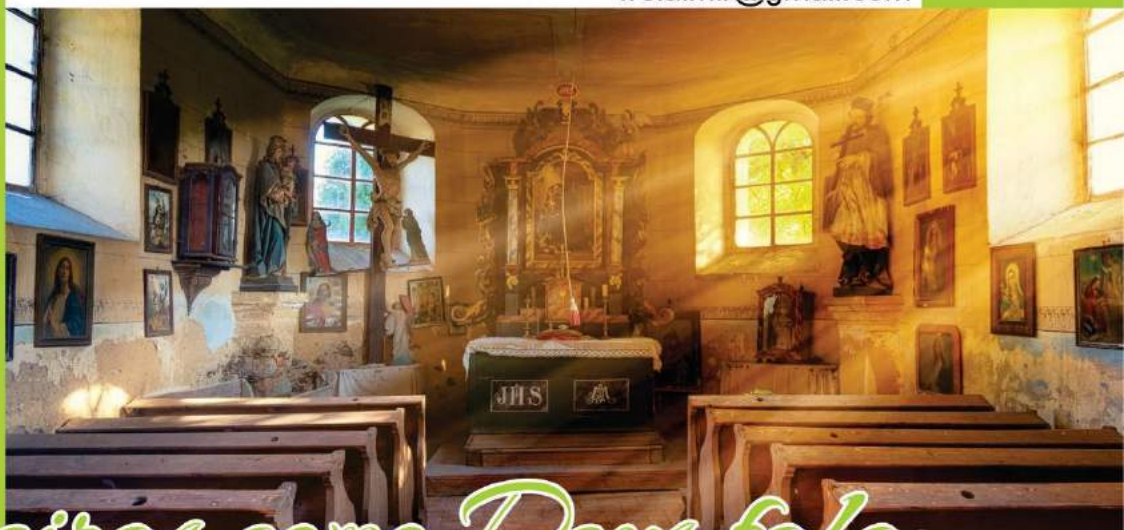
FONTES:

BASSOLI, Arnaldo. Diálogo. Youtube, 16 abr. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/lKt96NbzhWU>>. Acesso em: 09 out. 2020.

FRANCISCO. Carta Encíclica Fratelli Tutti. Vaticano. 2020. Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/pa-pa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em 04 out. 2020

Quando DEUS fala



As maneiras como Deus fala

UMA PALAVRA QUE FAZ VIVER

Temos necessidade da Palavra de Deus?

Nem o jornal, nem as bibliotecas bastam para quem tem um coração com fome

●Era a tarde do dia da Páscoa. Dois homens numa terrível noite interior, noite matizada de decepção, fazem uma caminhada com o rosto triste. Tinham amado um homem e suas palavras haviam iluminado suas vidas. O Mestre, no entanto, morreu e suas esperanças caíram por terra. Eram os discípulos de Emaús. Um companheiro, um misterioso companheiro, no entanto, faz caminho com eles. E começa a falar. Ele retoma inesquecíveis e antigas palavras da Bíblia. Explica-lhes as Escrituras. O coração dos dois se põe a bater mais forte e a noite ganha claridade. E porque já se fazia tarde, houve uma refeição com este misterioso companheiro. O convidado se torna o que convida para o pão e para a palavra. A Palavra vem como luz. O pão como força na caminhada

●Uma palavra que faz viver? O que quer dizer isto? Todos fazemos esta experiência. Há momentos em que os acontecimentos de nossa vida são demasiadamente fortes ou insignificantes e nos faltam palavras para exprimi-los. Há momentos em que nossa vida se desenvolve de maneira mecânica ou vazia de sentido. Precisamos de uma palavra de amizade que nos permita continuar o caminho. Será preciso ir à direita ou à esquerda? Há pessoas que nos aquecem o coração. E o Senhor nos fala no íntimo da consciência. No rosto de uma criança e na face dolorida de um enfermo. Fala-nos na pandemia e nas festas do coração. Cremos, no entanto, que sua Palavra, especialmente quando proclamada em nossas celebrações e ouvida pelos corações contritos e humildes, é a verdadeira luz de nossos caminhos.

●“Depois de longos decênios de frequência, a Bíblia se apossou de minha imaginação, meu espírito e minha alma. Quase diria que me tornei um homem da Bíblia. Tenho a impressão de ter estado com Abraão no dia em que ele deixou Ur da Caldeia, que atravessei o Mar Vermelho com Moisés e ouvi os trovões e relâmpagos no Sinai. Vivi tudo do longo itinerário de vida do povo de Israel, com suas aventuras e desventuras. Estou também entre aqueles que seguiram o carpinteiro de Nazaré quando ele propunha uma nova Aliança com Deus. Tive ocasião de vê-lo discutir com os poderosos de então e estou no meio da multidão que o viu morrer na cruz. Sou um dos peregrinos de Emaús, como também um daqueles discípulos que partiram para a Grécia ou Roma dizendo que a vida acabava de mudar, que todas as mortes tinham sido vencidas e que um Salvador havia nos poupado de todas as fatalidades”. (Gérard Bessière)

●Não nos interessa ouvir qualquer palavra. Temos um santo orgulho de nossa vida pessoal e não queremos vê-la desorientada com palavras de morte. Não deixamos qualquer um intervir em nosso movimento interior de viver. Queremos ouvir a Palavra daquele que nos ama e quer estabelecer um diálogo de carinho, atenção e vida. Palavra do Antigo e do Novo Testamento. Palavra de hoje que ressoa como se fosse de ontem, mas é de sempre. Importa ouvir. Querer ouvir. Precisar ouvir. Cessar toda sorte de barulho. Deixar que a Palavra ecoe dentro de nós, na Igreja e em nossas fraternidades. Escutá-la a partir de dentro.



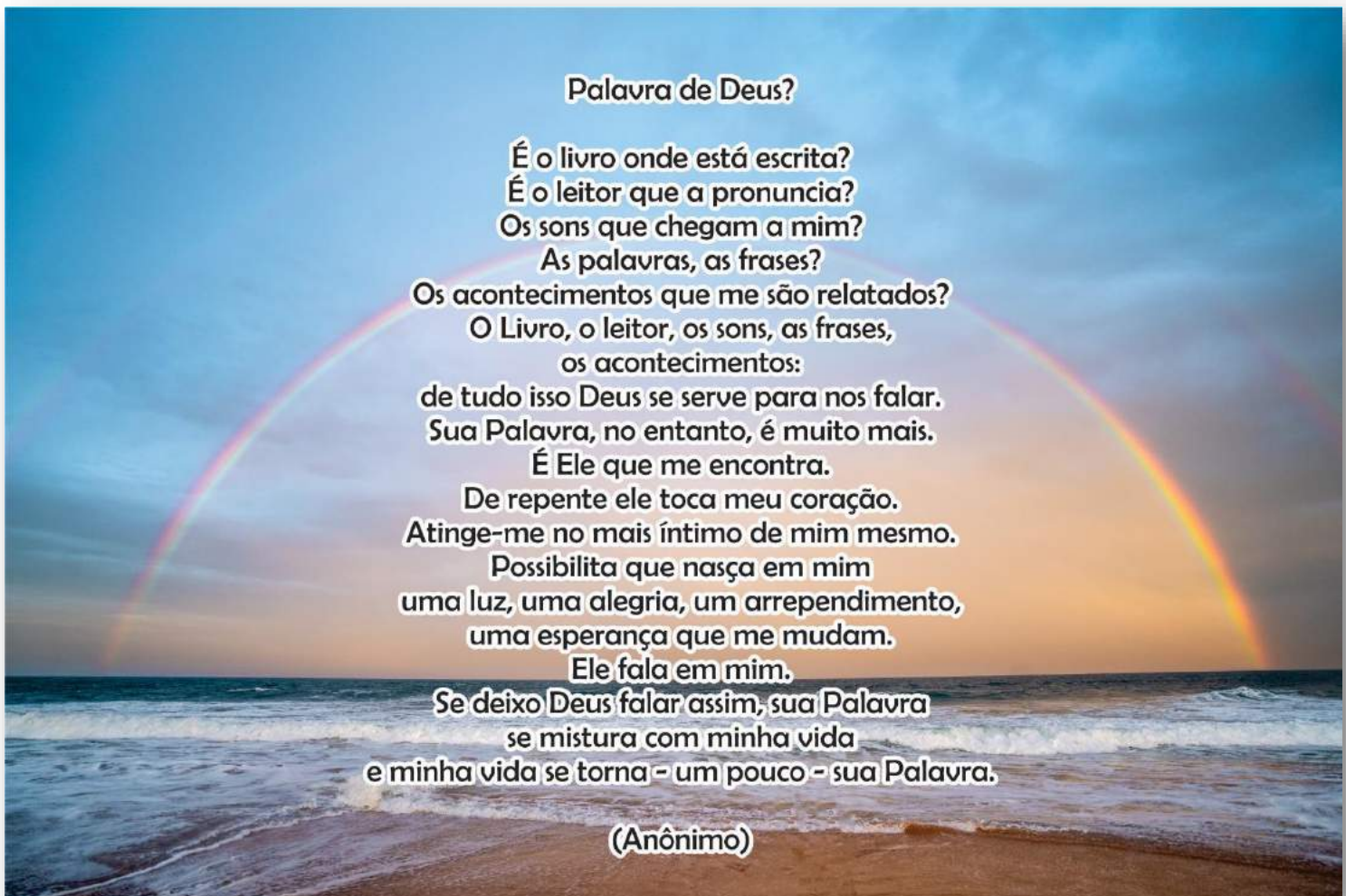
●Na imensidão marcada por tantas palavras, o homem moderno busca a Palavra, como o comerciante busca uma pérola preciosa. A Palavra da qual todos têm necessidade aponta para o sentido último deste frágil universo, de nossa tormentosa história. O homem busca luz a respeito da morte e da dor, especialmente quando esta última bate à porta. É desta palavra que todos têm desejo. As outras palavras ganham sentido na medida em que servem a esta palavra decisiva.

●Cristo é um homem. Viveu nossa realidade de homem. Sua palavra tem peso, palavra de vida eterna. Ele não é um personagem do passado. Ele vive. Vive no seu Corpo que é a Igreja. Sua palavra não é uma palavra morta. Não é apenas recordação do que ele falou há dois mil anos. O mesmo Espírito que fez com que ele pronunciasse as palavras de ontem faz com que elas sejam ouvidas no hoje da Igreja e do mundo. O Espírito sopra na Igreja e nos faz entrar no coração da Palavra que se fez Carne.

●Se hoje, como ontem, é urgente conhecer melhor o homem Jesus, reconhecido como Cristo e confessado como Senhor, não temos outro caminho para chegar a esse objetivo senão tomar nas mãos o livro das Escrituras, abrir-

lhe as portas de nosso coração e oferecer escuta e acolhida à Palavra. Se nosso coração arde de desejo de sair da insignificância ou da prostração de nossos cotidianos fracassos, não temos outro caminho senão deixarmo-nos possuir pela Palavra, para dar-lhe amplo espaço em nossas vidas. Ser possuído pela Palavra e por Cristo é a mesma coisa.

●Nossa vida franciscana precisa ser uma alternativa à vida consumista e vazia de nossos tempos. Com o fogo da Palavra, nosso coração arderá e nossa vida encontrará o ritmo de Deus, que é sempre jovem e atual, que jamais passa. A Palavra tem impressionante força transformadora e se nossa vida se tocar por ela transformar-se-á, sem dúvida alguma: a rotina dará lugar à novidade evangélica, cansaço à coragem, a resignação à lucidez e à audácia, os medos à liberdade. Na medida em que formos capazes de abandonar-nos à Palavra, de confiar nele, de tudo nela apostar, aconteça o que acontecer, ficará em nós um sabor intenso que nos garante que somos de Deus. Temos de nos deixar fazer pela Palavra (Parágrafo inspirado em Frei José Rodríguez Carballo, OFM).



GRANDES

Textos

Francisco amava a água, as pedras, as bosques e as flores

Depois do irmão Fogo, Francisco amava de modo muito particular a água porque simboliza a santa penitência e as tribulações pelas quais almas enxovalhadas são purificadas e porque a primeira ablução da alma se faz com a água do batismo.

Quando lavava as mãos procurava um lugar apropriado de modo que a água que caísse não fosse calcada aos pés. Quando andava por sobre pedras, fazia-o com grande reverência e respeito por amor daquele que disse ser pedra. E quando recitava: “Sobre o rochedo debaixo do rochedo me reergueste”.

E recomendava ao irmão que cortava e preparava a lenha para o fogo que jamais abatesse a árvore inteira, mas cortasse de maneira que lhe restasse sempre uma parte intacta por amor daquele que quis realizar nossa salvação sobre o lenho da cruz.

Costumava dizer ao irmão que tomava conta do jardim que não ocupasse todo o terreno com legumes, mas

conservasse uma parte para as árvores que, em seu tempo, produzem nossas irmãs flores por amor por aquele que disse: “a flor dos campos e os lírios dos vales”.

Recomendava ainda ao jardineiro que reservasse sempre uma parte do jardim para as ervas odoríferas e plantas que produzem belas flores, a fim de que, em seu tempo, elas convidassem aos louvores de Deus aos homens que vissem tais ervas e flores. Toda criatura diz e proclama: “Deus me criou para ti, ó homem”.

Por isso, nós, que vivemos com ele, vimos que ele se alegrava tanto interior e exteriormente com quase todas as criaturas. Era tal o seu amor por essas maravilhosas criaturas que, ao tocá-las ou vê-las, seu espírito parecia não pertencer à terra, mas ao céu. Por causa do grande consolo que recebeu destas criaturas compôs pouco antes de sua morte os “Louvores do Senhor por suas criaturas”, para incitar os corações dos que os ouvissem a louvar a Deus e para louvar ele próprio ao Senhor nas suas criaturas.

(Espelho da Perfeição 118)



PARA REFLETIR, REZAR E SORRIR



SEMPRE DE NOVO O TEMA DA ORAÇÃO

●UM CERTO JEITO DE REZAR DE FRANCISCO DE ASSIS

Quando Francisco rezava nos matos e nos lugares desertos, enchia os bosques de gemidos, derramava lágrimas em toda parte e, achando-se mais escondido que num esconderijo, conversava muitas vezes em voz alta com o seu Deus. Respondia ao juiz, fazia pedidos ao pai, conversava com o amigo, brincava com o esposo. De fato, para fazer um holocausto múltiplo de seu coração, propunha a seus próprios olhos, de muitas maneiras, aquele que é sumamente simples. Muitas vezes ficava pensando com os lábios parados e, levando para dentro as coisas de fora, elevava-se até os céus. Transformado não só em orante, mas na própria oração, unia a atenção e o afeto num único desejo que dirigia a Deus.

(2 Celano 95)

●“OLHO PARA ELE E ELE OLHA PARA MIM”

Uma vez o Cura d'Ars, um santo francês do século dezoito, perguntou a um velho camponês o que estava ele a fazer durante horas sentado na Igreja, parecendo nem sequer rezar; o camponês replicou: “Olho para ele e ele olha para mim e somos felizes um com o outro”. Aquele homem havia aprendido a falar a Deus sem quebrar a intimidade com palavras.

●UMA PRECE

Ajuda-me, tem piedade desse sorriso que te dirijo quando completo 84 anos, com esse meu coração que em breve deixará de bater. Com toda minha alma, quero crer em ti e em teu amor. Não percebes que esse teu silêncio me faz mal? A ti, Deus de justiça, dirijo este lamento. Ajuda-me a te amar. Ajuda-me a crer em ti, porque sem ti morro de fome.

(Albert Cohen)

●UMA GOTTA DE VIVA LUZ

A oração é esse estado de quem se acha diante de Deus, é um íntimo face a face, um doido amor, um coração que bate em unísono com o coração do bem-amado. Estado significa participação total do ser: corpo, alma, espírito. Essa plena união não se repete. Ela é única, espontânea, provoca alegria, concede paz. Cada gesto é dirigido e colocado no Amor: sua Presença impregna de sopro nossa vida, colore de inocência, leva ao gesto justo, responde ao momento presente. A oração é uma gota de luz viva que fecunda os sentidos e transfigura toda a existência.

(Um monge ortodoxo)

●PROSTRO-ME DIANTE DE DEUS, E NADA MAIS

A adoração é aquela veneração interior ou exterior dirigida exclusivamente a Deus, através da qual a criatura dotada de razão reconhece a absoluta sublimidade e unicidade e a total dependência dele. É a atitude fundamental de cada homem religioso consciente do mistério quem o circunda e que é o fundamento de tudo o que é criado.

(U. Krause)

●JOGAR UM BEIJO COM A MÃO

Em latim, se diz adoratio, e significa propriamente: “jogar um beijo com a mão”. Adoração consistia, pois, em levar a mão à boca e jogar um beijo a Deus ou ao adorado imperador. Esta origem mostra que adorar não significa prostrar-se por terra e esquecer-se de si mesmo; adoração é também intimidade. O gesto do beijo que normalmente se dá somente à pessoa amada é usado também em relação a Deus. A adoração é, desse modo, um encontro íntimo com Deus: oferece-lhe os meus desejos e minhas necessidades mais profundas na confiança de que serão realizadas por ele.

(Anselm Grün)



TECENDO NOVOS PARADIGMAS NA FORMAÇÃO DOS/AS FRANCISCANOS/AS SECULARES

Vamos iniciar esse texto recordando o ano de 2017, onde, durante o IV Encontro Nacional de Formação da OFS do Brasil¹, iniciamos um processo de reflexão sobre os grandes desafios formativos da nossa Ordem, apresentando a necessidade de construir novos paradigmas na formação dos/as franciscanos/as seculares. Hoje, quatro anos depois, somos convidados/as a revisitar essa reflexão, aprofundando esse caminho de construção, refletidos atualmente nos desafios de atualizar os materiais formativos da OFS, de forma a garantir um processo integral e participativo, tecendo novos paradigmas e novas abordagens. Mas, o que são paradigmas? E como estes podem nos ajudar a aprofundar e atualizar nossa missão na Igreja e no mundo?

Um paradigma representa um modelo ou padrão a ser seguido para responder a uma demanda dentro de um campo específico, que é estabelecido a partir das realidades presentes naquele determinado período de tempo, a partir de um contexto histórico, social e cultural. Quando o paradigma proposto não é capaz mais de solucionar os novos problemas e demandas, um processo de crise se inicia e faz com que as pessoas procurem alternativas para responderem às inquietações daquele novo momento. Então, surgem novos paradigmas, que competem entre si, tentando impor-se como o enfoque mais adequado. Nesse momento estamos diante de um processo revolucionário, que ocorre quando um dos novos paradigmas substitui a ideia tradicional².

Essa descrição pode inicialmente parecer distante de nossas realidades locais ou ser apenas mais uma reflexão teórica, que não nasce da prática das nossas

vivências. Porém, seria errôneo pensar assim, uma vez que em vários momentos da história estamos tecendo novos paradigmas. Por exemplo, com a grande pandemia mundial do Coronavírus fomos interpelados ou talvez “atropelados”, em meio à crise, com a necessidade de encontrarmos novas formas de nos reunirmos, de estarmos juntos mesmo que fisicamente distantes, de construir novos caminhos e processos para a formação.

Outro exemplo concreto se dá no processo formativo com os/as irmãos/as em nossas Fraternidades Locais: podemos nós apresentarmos apenas a figura de São Francisco e Santa Clara nos altares, enquanto o nosso carisma nos interpela por respostas às grandes crises mundiais? Francisco e Clara estão atualizados nos olhos dos pobres, dos que sofrem, dos/as excluídos/as. Francisco e Clara, com seus valores humanos, traduzem o cuidado com a casa comum em todas as dimensões.

Francisco e Clara estão na vida em fraternidade, na cultura do diálogo e na construção da paz.

Podemos então dizer que estamos em crise, entendendo que este é um importante passo para a revolução, que aponta novos paradigmas. *“Uma revolução é uma espécie de mudança envolvendo certo tipo de reconstrução dos compromissos de grupo. Mas não necessita ser uma grande mudança, nem precisa parecer revolucionária para aqueles que não participam de certo grupo. O significado das crises consiste exatamente no fato de que indicam que é chegada a ocasião para renovar os instrumentos”².*

Assim, somos desafiados/as como irmãos/as franciscanos/as seculares a nos indagar acerca da nossa missão e dos nossos compromissos individuais e coletivos, sem medo de renovar o que for necessário, sem medo de construir novos paradigmas, sem medo de colocar na centralidade das nossas



fraternidades aquilo que é mais importante: a vida dos/as nossos/as irmãos/as. Isso requer, muitas vezes, importantes mudanças, com a construção de novos paradigmas na Igreja e na formação.

Novos paradigmas eclesiológicos, que permitam a transição de uma Igreja piramidal, com um “olhar” vertical - de cima para baixo, para uma igreja povo de Deus, circular, participativa, horizontal, em que vivência do Evangelho é a centralidade. A Igreja do acolhimento, do pão partilhado, onde o testemunho pessoal transforma e a dinâmica comunitária nos ensina a vivermos uma fraternidade universal.

A formação é desafiada a atingir um cerne que nos permita fazer a transição de um antigo para um novo paradigma, onde:

1 - a formação não consiste em leituras e repasses (teóricos) de conteúdo/tema e *sim é entendida como práxis vivencial e perpassa todas as dimensões da pessoa;*

2 - a formação não ocorre apenas para o cumprimento de um programa, *mas como um processo de conversão;*

3 - o/a formador/a não é um/a intelectual, que sabe muito e *sim um/a irmão/ã de testemunho de vida;*

4 - a preocupação em fazer um repasse sistemático (e mecânico!) para cumprir as exigências do tempo não deve prevalecer, *pois é melhor “muito no pouco e não pouco no muito”;*

5 - A formação não é entendida como se cada nova etapa fosse desconectada com a anterior, e *sim é conduzida de forma contínua e continuada. As etapas se completam;*

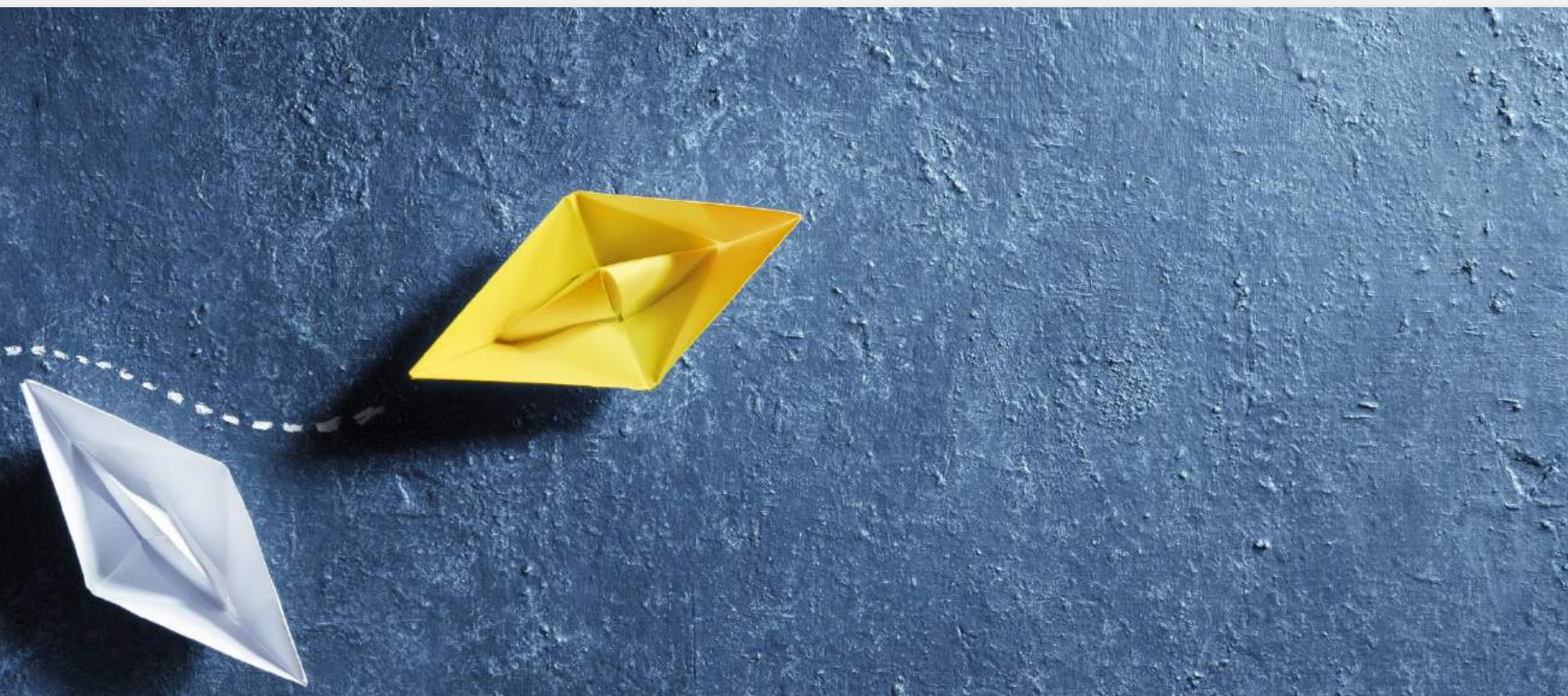
6 - o/a Coordenador/a de Formação pensa, prepara, encaminha e executa tudo sozinho/a, *para um modelo onde outros irmãos/ãs são envolvidos no processo e participam ativamente do mesmo;*

7 - todas as atividades da ‘equipe’ são assumidas pelo/a coordenador/a, *para o entendimento que o processo formativo requer uma Equipe de Formação INTEGRADA.*

Tecer novos paradigmas é necessário, pois “ninguém tira retalho de roupa nova para remendar roupa velha; senão, vai rasgar a roupa nova, e o retalho novo não combina com a roupa velha. Ninguém coloca vinho novo em odres velhos; porque, de fato, o vinho novo arrebenta os odres velhos, e se derrama, e os odres se perdem. **Vinho novo deve ser colocado em odres novos**” (Lc 5,36-39)³.

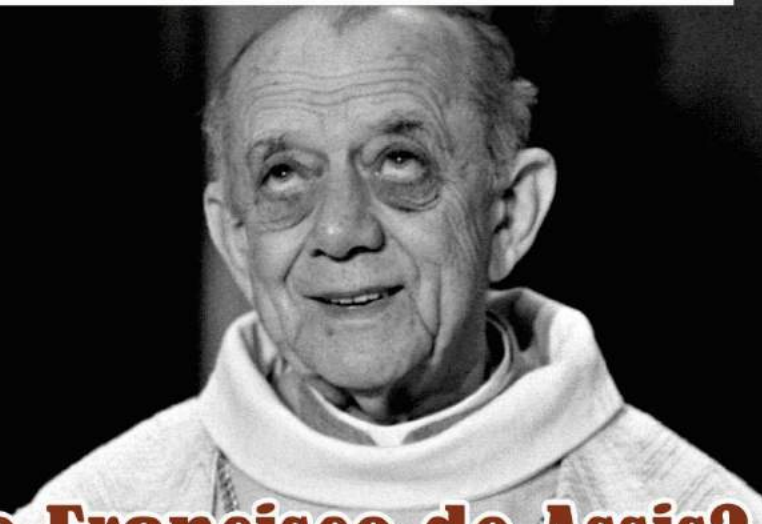
REFERÊNCIAS:

1. Frei Wellington Buarque, OFM. Apresentação do tema no IV Encontro Nacional de Formação, Comunicação e Animação Fraternal. Brasília, 2017.
2. KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 2. ed. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva. 1987;
3. Evangelho de Lucas 5,36-39.



Retratos da

Mossa Gente



Quem como São Francisco de Assis?

Muitos conhecem a figura pública do, agora, Servo de Deus Helder Pessoa Câmara (Fortaleza 1909 – Recife 1999); poucos, porém, conhecem sua intimidade. Muitos o admiram e o tomam como exemplo, mas há que se perguntar: a quem ele admirava? Quem eram seus exemplos? Certamente as respostas giram em torno de figuras como Jesus Cristo, o sacerdote perfeito; ou São Vicente de Paulo, de quem o amor no serviço dos pobres foi o modelo de sacerdote que inspirou os primeiros anos de recém ordenado do Padre Helder; poucos poderiam imaginar que entre essas figuras estivesse São Francisco de Assis, santo a quem Dom Helder só veio a conhecer mais profundamente no início dos anos de 1940, mas que tornou-se uma marca indelével em sua atuação como homem da Igreja. Este artigo procura trazer um panorama dessa aproximação com o Santo de Assis, mostrando, através da análise de documentos históricos, como esse processo se deu e se consolidou.

Entre 1936 e 1964, Dom Helder viveu e atuou como sacerdote na Arquidiocese de São Sebastião do Rio Janeiro, ora como

funcionário público federal, ora como sacerdote engajado nas ações sociais e de promoção da fé católica. O fato é que esse período também coincide com uma grande mudança no perfil sacerdotal do Padre Helder e é provável que os primeiros sinais dessa mudança tenham sido implantados no começo dos anos 1940, quando ele leu a obra “São Francisco de Assis e a Revolução Social”, de Ernesto Pinto, publicada pela livraria José Olympio (Cadernos Paz e Bem, Direção de Frei Elzeário Schmitt, OFM.). Depois dessa leitura, o fato mais curioso é que Dom Helder passa a assinar um conjunto

bem específico dos seus manuscritos com o Pseudônimo “Frei Francisco”.

Alguém pode se perguntar: “esse é o primeiro pseudônimo que ele usa?” Não!! Dom Helder teve outros, mas sempre usou “Frei Francisco” para escrever cartas para duas mulheres leigas: Cecília Goulart Monteiro, a quem chamou de “Frei Leão” e Virgínia Côrtes de Lacerda, a quem chamou de “Frei Jacoba”. A maior parte dessas cartas foram recuperadas e estão disponíveis para consulta no site: <http://www.acervocepe.com.br/acervo/idhec---instituto-dom-helder-camara> e a riqueza delas está no fato de que revelam um Helder diferente, humano em sua mais profunda essência. Sendo ele “Frei Francisco” e conversando com seus irmãos “Frei Leão” e “Frei Jacoba”, não há razão para se esconder que a humildade com quem ele, um sacerdote, se apresenta a elas, é emocionante e viva.

Seu conhecimento a respeito da vida do Santo de Assis avança conforme sua identificação também sente necessidade de servir mais desse exemplo; então, em 1943, aparece o seguinte registro em sua biblioteca pessoal: LEÃO, RUFINO e ÂNGELO. **Lenda dos Três Companheiros**. Rio: Stella Editora, 1943. Nessa mesma época leu ainda, **O Franciscanismo**, do Frei Agostinho Gemelli, OFM, publicado pela editora Vozes. Esses três livros serviram de base para que Dom Helder conhecesse a São Francisco de Assis. Quem pensar que a semelhança com o Santo para no uso do pseudônimo, engana-se! Dom Helder faz muito mais do que isso. Trouxe São Francisco consigo em seus atos como homem da Igreja de forma tão forte que... em matéria da revista Manchete, o editor, Pedro Bloch, apresentou Dom Helder assim: “Já disse e já escrevi: d. Helder, para mim, é assim uma espécie de São Francisco de Assis “bossa nova. Para se constatar a presença de um



santo, muitas vezes se fica à espera de um milagre. Dom Helder é o próprio milagre ambulante. Quem nunca viu o sorriso de D. Helder, quem nunca foi por ele abraçado, nesse abraço toda alma em que ele parece auscultar o coração do mundo, através do nosso, não compreenderá toda a extensão do que aí vai. Estou convencido de que D. Helder fala com passarinho e que passarinho entende D. Helder” (BLOCH, 1963, p. 101). A matéria em questão falava do trabalho de Dom Helder na Cruzada de São Sebastião, no Rio de Janeiro.

Quando veio morar no Recife, em 1964, assumindo como Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife, Dom Helder viveu poucos anos no Palácio Episcopal, e em 1968 preferiu mudar-se para os fundos da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, conhecida no Recife como “Igreja das Fronteiras”. Ali, atrás da

parede do altar-mor, fica seu quarto, ainda conservado tal como ele deixou. Quem entra pela sacristia e atravessa a porta verde do fundo encontra uma sala de trabalho simples, com uma grande mesa, uma bonita biblioteca com parte dos livros dele e pode, se virar para a esquerda, entrar no quarto dele. Uma pequena cama no meio do quarto, um guarda-roupa pequeno de duas portas, uma cômoda e, sobre ela, uma vasta coleção de “Franciscos de Assis”... muitos visitantes perguntavam por que Francisco... respondo citando Dom Helder: “Afinal, o seu modelo é São Vicente, São Francisco ou o Papa João’?... Ele não percebera que no íntimo do íntimo os santos se irmanam porque todos procuram viver o Senhor Jesus...” (119ª Circular após-Concílio. Recife 17/18.7.1966. Fl.3.). Quando estava para se tornar arcebispo emérito, em 1984, Dom Helder resolveu criar uma

instituição que cuidaria do seu legado, ela seria a guardiã dos seus poucos objetos pessoais, dos direitos autorais de suas obras e a responsável por gerenciar algumas obras sociais que ele tinha no Recife.... escolheu como nome “OBRAS DE FREI FRANCISCO”. Quando Dom Helder faleceu, em 1999, muitos dos seus colaboradores e admiradores não entendiam porque ele mesmo escolheu esse nome; após sua morte era difícil explicar a relação que existia entre os nomes... justamente porque as pessoas desconhecem essa história. Então, em 2002, Obras de Frei Francisco trocou de nome e passou a chamar-se Instituto Dom Helder Câmara. Mas tenho certeza, Dom Helder viveu como Francisco e São Francisco iluminou a vida de Dom Helder.

1 - Historiadora, mestra e doutora em Ciências da Religião. Trabalhou por doze anos no acervo do Instituto Dom Helder Câmara – IDHEC e foi uma das Peritas em História da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Helder Pessoa Camara.

FICHA PARA ASSINATURA DA REVISTA PAZ E BEM				
Nome Completo:				
Telefone:			e-mail:	
Endereço:				Número:
Complemento:	Bairro:	Cidade:	UF:	CEP:
Fraternidade:			Data de Nascimento:	

A revista é bimestral, ou seja seis exemplares por 1 (um) ano. O pagamento é antecipado no valor de R\$ 45,00 (Quarenta e cinco reais). As revistas serão enviadas pelo correio.

Lembramos que a assinatura será válida após o envio da xerox do comprovante de pagamento na forma que você preferir:

- Depósito direto nos bancos:

Bradesco- agência 3176-3 - conta corrente 13122-9

Banco do Brasil- agência 0392-1 - conta corrente 13907-6

Toda e qualquer forma de pagamento deverá obrigatoriamente ser efetuada em nome da Ordem Franciscana Secular do Brasil.

Seja assinante da Revista Paz e Bem. A revista mais franciscana do Brasil!

Favor enviar comprovante para: pazebem@ofs.org.br



QUE VENTOS PODERIAM NOS Levar?

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

● Começamos um ano novo. Todos fomos profundamente marcados por esse 2020 de pandemia e de confinamento. Foi um tempo muito duro e, ao mesmo, um tempo de graça. Uma parada. Quem sabe tenhamos podido vasculhar nosso interior, desobstruir caminhos, reduzir desejos, fazer desaparecer ressentimentos e mágoas, sermos feitos de simplicidade. Nossos projetos e propósitos sem alma já morreram ou vão morrer. O que não tem viço, nesse tempo de isolamento, morre. É bom que seja assim. Para quê lutar pelo inútil e nocivo? Da morte de uma parte de nós mesmos brota a vida. E nas mortes de todos dias vai se fortalecendo a Vida na Vida de Jesus.

● “São realmente todas as dimensões de nossa existência que são transformadas por esta pandemia: nossa vida familiar e profissional, como também nossa relação com o mundo, com o espaço e com o tempo. Somos atingidos ou estamos angustiados - em relação a nós mesmos e aos nossos parentes - pela doença e pela morte. Mas também pela insegurança material, pela perda de nossa liberdade de circular, pela impossibilidade de nos projetarmos para o futuro” (Frédéric Lenoir, *Viver! Um manual de resiliência para um mundo imprevisível*, Vozes, p.10).

● Talvez esse tempo da pandemia possa ter sugerido que visitássemos mais nosso interior. Redescobrir o silêncio. Somos seres fluidos. Corremos de um lado para o outro. Tudo gira e rodopiamos de tonteira. As coisas nos invadem. Tomam conta de nós: emoções, mensagens, urgências, paixões, sabores e dissabores, cansaço e depressão. Parar, pensar, reorientar. Se tiramos da vida todo elemento contemplativo ela termina por sofrer uma hiperatividade mortal. No seu próprio fazer o homem se sufoca. A

revitalização da vida contemplativa é necessária para abrir espaços de respiração (cf. Byung-Chul Han).

● Confrontamo-nos com o medo de entrar em nós mesmos. Não temos muitas coisas a dizer, que dizer, coisas essenciais. Dizemos bagatelas. Nem sempre as palavras das pessoas atingem nossos desejos mais profundos. Que sentimos, de verdade? Temos capacidade de amar e ser amados? “No espaço da interioridade, o silêncio pede a escuta de nós mesmos, dos outros e da realidade. Os meios de informação podem iludir-nos, ao dar-nos a sensação de evitar-nos esse trabalho. Na verdade, tornamos estranhos a nós mesmos. O percurso para dentro de nossa interioridade não é só terapêutico para nossa cultura do barulho, mas também vem a ser caminho voltado para o acolhimento, para uma nova civilização do amor. O caminho para dentro de nossa interioridade e para o silêncio torna-se então testemunho de uma opção de vida alternativa” (Documento OFM: *O caminho que leva ao coração*, p. 5).

● Quantas perguntas!!! Ser homem e ser mulher, construir sua masculinidade e feminilidade, homem e mulher vivendo em comunhão e não numa justaposição medrosa; pessoas que nos sentimos da terra e, ao mesmo tempo, com incontidos desejos de atingir as estrelas em voos nem sempre bem-sucedidos; fracos com resfriado e capazes de nos lançarmos no fogo para salvar uma velha senhora do incêndio no quarto do pensionato. Somos mistérios ambulantes. Não sabemos bem de onde viemos e nem para onde vamos. Será que perdemos o gosto de fazer frutificar o que recebemos? Cansamo-nos de reagir a uma letargia mortal?

●“Somente uma forte interioridade pode nos ajudar a perseverar na luta contra a corrente. Para o homem atual, o problema crucial é saber se existe uma resposta absoluta e definitiva às expectativas históricas do homem ou se, pelo contrário, é possível viver contentando-se com respostas parciais, provisórias, em constante tensão. Alguns não conseguem suportar esta tensão e desmoram. Outros refugiam-se no fundamentalismo, que não passa de momentos fortes de sua história. Outros avançam com motivações ilusórias. Outros, ainda, porque encontraram a Deus” (Carlo Morali).

●Parar, refletir, rezar, repensar, começar tudo de novo: “Passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir, juntamos informação que nunca chegamos a aprofundar. Tudo transita num galope ruidoso, veemente e efêmero. Na verdade, a velocidade com que vivemos impede-nos de viver. Uma alternativa é resgatar nossa relação com o tempo. Por tentativas, por pequenos passos. Ora, isso não acontece sem um abrandamento

QUEM SABE?!

- o Demorar-se em silêncio diante do Mistério: uma oração simples, desinteressada, gratuita, um abrir-se diante daquele que nos inventou e pede a gentileza de um olhar um pouco mais demorado.
- o Rever nosso jeito de nos colocar diante do Senhor: respeito carinhoso, pessoas cobertas dos dons do Altíssimo. Postura de pessoas que tudo receberam e se sentem cumuladas.
- o Amar os que são amados pelo Amor.
- o Cultivar sempre uma postura de proximidade das pessoas, evitando do desdenhoso isolamento, sobretudo dos simples da face da terra. Não esquecer que o Senhor derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes.
- o Esses outros... “Nada mais importante numa vida inteira que o inclinar-se para que um outro, agarrando-se ao teu pescoço, possa levantar-se” (Luigi Pintor).

interno. Precisamente porque a pressão de decidir é enorme, necessitamos de uma lentidão que nos proteja das precipitações mecânicas, dos gestos cegamente compulsivos, das palavras repetidas e banais. Precisamente porque temos de desdobrar e multiplicar, necessitamos reaprender o inteiro, o intacto, o concentrado, o atento, o uno” (José Tolentino Mendonça, *Libertar o tempo*, Paulinas, p.20-21).

●Construir a vida é batalha. Aproveitar, desenvolver tudo aquilo que recebemos de dom. Restituir ao Senhor com um coração agradecido todos os seus benefícios. Estamos suspensos nele. Não desanimar, nem entregar-se à indolência. “A maioria de nós engaja apenas uma pequena parte, ridiculamente pequena, de sua existência. Vivem na superfície de si mesmas. O solo humano é tão rico que essa pequena parcela superficial é suficiente para uma magra colheita, que dá a impressão de ter sido enorme. O santo não vive de lucro sobre lucro, mas engaja todas as parcelas de sua vida” (Georges Bernanos).



JANELA ABERTURA

Entre o sonho dourado do lucro

E O BEM ESSENCIAL QUE É ÁGUA

qual devemos defender?



Paz e bem, meu irmão, minha irmã.

Ao abrir a conversa sobre a crise ética pós-moderna é importante trazer presente um personagem da mitologia grega, que talvez retrate um pouco da realidade humana contemporânea: este personagem é Narciso.

Não cabe aqui detalhar todo o enredo do mito, porém, vamos destacar as duas conclusões: uma relata que ele morreu de desgosto por admirar tanto a imagem e não conseguir possuí-la, como previsto na maldição. Já outras histórias dizem que ele morreu afogado ao tentar tocar na imagem que via refletida na água. Possivelmente a raiz da crise ética da pós-modernidade seja esta, a falta de consciência da importância da alteridade que perpassa a vida em todos os sentidos, pois o ser humano não é um sujeito independente de tudo, pelo contrário, depende de tudo: primeiro do Planeta que o sustenta, como também, da própria espécie, que se preserva por meio do cuidado familiar.

Infelizmente a crise ética pode ser observada de muitas maneiras, seja na falta de cuidado para com os familiares, chegando ao ponto de vermos pais que matam filhos, filhos que matam pais; seja no que tange ao cuidado pelo meio ambiente: o planeta que cuida do ser humano acaba sofrendo com a destruição desordenada causada pela ganância desmedida dos que pensam de modo fixado que o bem maior é o lucro, e para adquiri-lo não há limites nem responsabilidades com a natureza.

Esta atitude visa apenas o lucro e não as consequências das ações humanas diante da natureza, que geram danos graves para o bem comum. Aqui podemos aludir que o desejo do personagem Narciso em tocar na sua imagem, que teve como consequência a morte, ou mesmo o seu desgosto, por desejar a si e não poder possuir, pode ser comparado a esta atitude de busca do lucro sem considerar os meios e alteridade da criação de Deus.

Como desdobramento deste aspecto da ética da irresponsabilidade apresenta-se a questão de dois

minerais. Um é necessário para a preservação da vida humana. Já o outro é supérfluo, porém, talvez o mais desejado pela ganância humana. Estes dois minerais são a água, sem a qual o ser humano não vive, e o ouro, que não é necessário para garantir a vida, porém, muito cobiçado.

Chegamos assim à seguinte questão: a vida humana vale mais ou a ganância humana vale mais? Aqui o fato dos garimpos nas terras indígenas do Brasil, que a priori é proibido, assim está determinado na Constituição Federal de 1988. Apenas os indígenas, e não outros, poderiam usufruir deste recurso natural. Porém, não é a realidade. Os garimpos existem em larga escala nas terras indígenas e prejudicam, não somente os indígenas, bem como toda humanidade.

Na prática da extração do ouro, a terra e, também, a água, são poluídas pelo mercúrio, que chega à alimentação das pessoas pelo consumo de peixes. Sem falar na poluição que chega pela água dos rios, levando as pessoas a adoecerem. Esta extração prejudica a todos, o planeta e as pessoas. Porém, continua sendo realizada de modo desordenado sem uma séria fiscalização.

Como sabemos, a água potável no nosso planeta é um bem muito precioso, e, infelizmente, nem todos tem



acesso a ela. Os rios amazônicos são um bem da humanidade, todavia, no lugar de cuidar deste bem, o ser humano destrói e polui em nome do lucro de poucos. Assim, muitos são prejudicados e poucos os agraciados com a riqueza de ter um objeto de ouro, tirado da terra a preço de muitas vidas humanas.

Esta prática (extração do ouro) vai de contraposição à ética da responsabilidade. Como afirma o Papa: “Amar a vida é sempre cuidar do outro, querer seu bem, cultivar sua dignidade transcendente”. A sacralidade do planeta e do ser humano perpassa pela consciência de que todos são responsáveis por proteger a vida. No entanto, a cegueira pelo sonho dourado de possuir o ouro

e o lucro não permite as pessoas pensarem. Sem ouro eu posso viver. Porém, sem a água não. Não somente eu não consigo viver, como também todos os seres humanos não vivem. Há uma troca de um bem essencial por um bem supérfluo.

Fechando conversa, visar somente o lucro é encantar-se pelo bem supérfluo que gera muitas mortes, até de si mesmo, como no mito de Narciso. A ética da responsabilidade deveria ser a meta de todos, pois ela pode contribuir para questões essenciais, como o acesso à água potável e a qualidade de vida para todos. Há a necessidade de escolher sempre a vida em detrimento a este modelo que leva à poluição do planeta e que gera morte.

1 - Acadêmico do curso de bacharelado em Teologia do Instituto Teológico Franciscano. Frade Franciscano da Custódia São Benedito da Amazônia, residindo em Petrópolis no Convento Sagrado Coração de Jesus.





OFS & JUFRA

© JufriSTA FORMANDO



E A ETAPA DE FORMAÇÃO FRANCISCANA SECULAR DA JUFRA DO BRASIL:

Um caminho de mútuas relações.

Assim como a Igreja que nasceu não na suntuosidade dos prédios, mas na poeira das estradas, de igual modo foram construídas as relações mútuas entre a OFS e a JUFRA. De diálogos, discussões, passos e entendimentos, nasceu há 36 anos, um documento chamado “Diretório de Mútuas Relações entre a OFS e a JUFRA do Brasil (DMR). Ao contrário do que podemos pensar, as nossas relações não são frutos do documento. Ele se deu a partir do que já se vivia e, amparado nisso, o que nós, enquanto JUFRA e OFS, desejamos em comum.

Construído a muitas mãos e, principalmente, muitos passos, o documento ilumina um caminho no qual nós, brasileiros, somos pioneiros. O documento que hoje rege internacionalmente as Mútuas Relações é, em boa parte, amparado no que nós já experimentamos há mais de 36 anos. Para além do documento, são os caminhos que se entrecruzam em nossa caminhada. São conhecidos os casos dos pais que são da OFS, que convidaram os filhos para conhecerem a JUFRA, e, por força da própria vocação, permanecem em nossa família. Como também de filhos que, pertencendo à JUFRA, convidaram os pais para conhecerem a OFS. Desse e de outros modos se dão as relações entre nossas fraternidades. Se faz pela amizade, pelo fraternismo que vai sendo criado entre os irmãos e irmãs. É a relação primordial e essencial à nossa vida cristã e à nossa vocação franciscana.

Mas sabemos que todas as relações humanas são permeadas por sorrisos e também pelos seus conflitos. Ambos constroem a nossa

identidade, e não dá pra fugir deles. Quando, então, falamos das relações entre nossas fraternidades, surge o DMR, para mediar essas relações nos seus vícios e virtudes. Embora possuam processos e tempos de formação distintos, para além da própria convivência, em alguns momentos a própria formação começa a se entrelaçar.

No processo de formação da OFS, o irmão ou irmã inicia sua caminhada pelo enamoramento da fraternidade, e então começa o tempo de iniciação. Ao final desse tempo formativo e vivencial, é o momento de iniciar o tempo de formação, onde é realizado o estudo da Regra e Vida e das Constituições Gerais da OFS. Ao final desse tempo, por desejo do formando(a) e aprovação do conselho da fraternidade local, é chegado o momento da profissão. Depois desse período, começa o tempo da formação permanente, porque sempre é momento de aprender, e também necessário.

Na JUFRA a caminhada começa a partir do conhecimento e vivência em fraternidade, seguida pelo

tempo de Formação Inicial. Ao final desse período, os jovens participam do Retiro Inicial da Formação Base da JUFRA, fazem o Compromisso Franciscano de Vida, e adentram a etapa que tem sido centro da vida do jufrista. Nessa etapa, os jovens costumam passar boa parte de sua caminhada na JUFRA. O tempo mínimo é de 2 anos, podendo ser prorrogado por mais um. Porém, alguns jovens permanecem nesta etapa por mais tempo. A próxima etapa formativa começa também com o Retiro Inicial da Etapa de Formação Franciscana Secular. É aqui, que de modo muito concreto, que a caminhada formativa entre OFS e JUFRA começa a se cruzar.

Sabendo que a OFS aceita a Formação Base da Juventude Franciscana como válida para o ingresso na Ordem, a Etapa de Formação Franciscana Secular é responsável por formar e orientar o jufrista, em um processo de maturação vocacional, através do estudo da Regra e Vida da OFS, se iniciando pelo Retiro Inicial da Etapa de



Formação Franciscana Secular. Assim sendo, o formador da JUFRA e o Animador Fraternal local apresentam ao Conselho local da OFS o nome do candidato e dão seu parecer sobre a caminhada formativa deste jovem. Após aprovação do referido conselho, é marcada então a data do retiro citado acima e, depois disso, o jovem inicia sua caminhada formativa na Etapa de Formação Franciscana Secular, que equivale ao Tempo de Formação da OFS, e no estudo da Regra e Vida da OFS e das Constituições Gerais.

O jovem assume o compromisso de se dedicar às formações a serem passadas pelo Animador Fraternal, membro da OFS que faz a ligação entre as duas fraternidades. O animador Fraternal é quem é responsável pela formação dos jufristas formandos na Etapa da Formação Franciscana Secular (EFF).

Essas formações são realizadas por meio de um livro próprio de formação da Jufra, que apresenta todos os conteúdos necessários a serem compreendidos pelo Jufrista Formando, seguindo as exigências das Diretrizes de Formação da Jufra do Brasil, aprovadas pela OFS, voltando o olhar para a profundidade do conhecimento e da prática franciscana. Esta etapa dura dois anos, podendo ser prorrogado por mais um ano, o que será definido pelo desejo do jufrista juntamente com a Animação Fraternal.

A decisão da profissão definitiva se dá a partir do momento em que o Jufrista Formando manifesta o seu desejo de abraçar livremente a sua vocação franciscana no âmbito da OFS.

Esta etapa é um processo no qual o(a) Jufrista Formando vive a experiência e o convívio com a OFS, cumprindo seu dever com a contribuição fraterna e com todas as atividades da fraternidade local que o acolheu. Porém, o(a) Jufrista Formando não deixa as suas obrigações em sua fraternidade de Jufra, na qual deve cumprir com suas atividades, podendo ainda ser eleito(a)

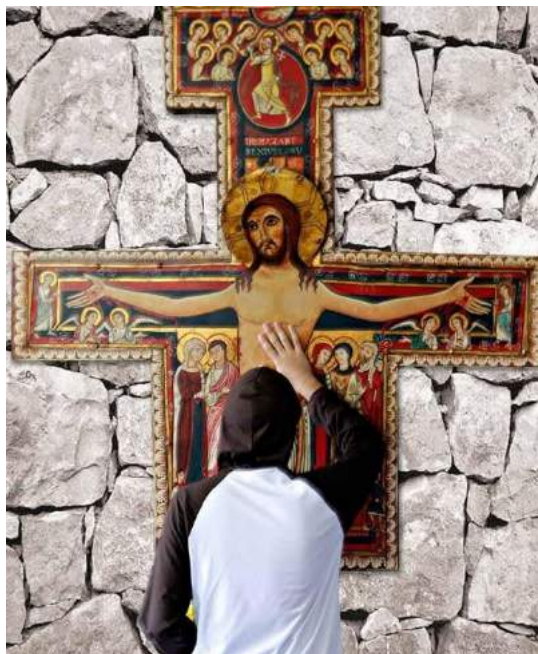
para qualquer serviço da JUFRA. Desta forma, o(a) jufrista formando deverá participar ativamente em ambas as fraternidades, salvo exceção daqueles que já tenham idade acima de 30 anos. Neste caso, observadas as questões pertinentes do estatuto da JUFRA, o jovem passa a pertencer unicamente à sua fraternidade de OFS. É importante ressaltar que o(a) jufrista necessita da convivência na OFS desde o início de sua caminhada na Juventude Franciscana, para que se crie o sentimento de pertença e de família.

É importante, também, citar um grande passo da nossa história, que contribuiu para a caminhada do(a) jufrista até a OFS. No ano de 2011, em Guaratinguetá/SP, jufristas de todo o país celebravam 40 anos de vivência da JUFRA no Brasil. Neste momento foi elaborada a Carta de Guaratinguetá: "A JUFRA que queremos ser", reafirmando o desejo dos(as) jovens de construir uma JUFRA na qual se tenha a alegria de Francisco ao seguir o Evangelho com amor e esperança. Foi assumido o compromisso nos diferentes âmbitos: socioambiental, eclesial, com a juventude e com a família franciscana. Em cada um desses, foram elencados

os desejos no qual todos da Jufra do Brasil sentem-se chamados. Em resumo, foi declarada a vontade de ser construída uma Juventude Franciscana que é atuante e testemunha viva dos caminhos de Cristo, seguindo São Francisco. Com a família franciscana, foi declarado que os jovens franciscanos desejam abraçar o carisma, se comprometendo a criar relações com todos os membros dessa grande família e, por fim, professar a Regra e Vida da OFS, onde se encontra a plenitude da vocação. Este documento não ficou apenas no campo das palavras, pois foram criados meios para que se concretizasse a partir de ações. No aspecto socioambiental, hoje iluminados pela Encíclica do Papa Francisco "Laudato Si", estudamos e difundimos as necessidades da Casa Comum, levando propostas de atividades que contribuam para o crescimento positivo da sociedade. Enquanto Igreja, se tem o incentivo para os(as) jovens por meio do serviço de Ação Evangelizadora, a criar vínculos com a comunidade, os motivando a conhecer a Palavra de Deus.

Por fim, com a família franciscana, foram criados vínculos com outras ordens e, também com a OFS, com a qual foram estreitados os laços com o Diretório de Mútuas Relações. Assim, é importante reafirmar a importância do(a) Animador(a) Fraternal Local para que se crie vínculo entre as duas fraternidades, que se unem pela mesma vocação e o mesmo caminho laical de seguir Jesus Cristo.

Portanto, o(a) jufrista, ao ter certeza de sua vocação franciscana, deve iniciar a sua caminhada tendo em vista o futuro de sua trajetória, que culmina na OFS. Ambos devem caminhar juntos, de mãos dadas por essa estrada que é traçada por Deus e que conduz à vida eterna.



MATEUS AGOSTINI GARCIA, Regional Sudeste 3 (SP) e
ARYANNE GENYFFER FERREIRA SILVA, Regional NE B1 PE/AL

ORDO FRANCISCANUS SAECULARIS
 Consilium Internationale
 via Vittorio Putti, 4,int. 6 – 00152 Roma

DECRETO

A Presidência do Conselho Internacional da Ordem Franciscana Secular examinou o “Estatuto da Fraternidade da Ordem Franciscana Secular o Brasil” apresentado para sua aprovação e achou em acordo com a legislação da Ordem Franciscana Secular e com os requisitos da vida do franciscano secular.

Por isso, com esse Decreto, a Presidência

APROVA E RATIFICA

O Estatuto da Fraternidade Nacional do Brasil, segundo o texto aprovado no Capítulo Nacional de 14.03.2014 e proposto pelo seu Conselho Nacional com carta datada aos 06.01.2015.

O texto definitivo, assim como aprovado, será conservado no arquivo da Fraternidade Nacional do Brasil e do Secretariado do CIOFS.

Dado em Roma, 18 de junho de 2020

Tibor Kauser
 Ministro Geral OFS

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 2020.

Aos Conselhos Regionais da OFS do Brasil
 Aos Ministros das Fraternidades Locais da OFS do Brasil

Paz e Bem!

Caríssimas(os) Irmãs e Irmãos

Após uma longa espera pela aprovação do Estatuto da Fraternidade Nacional, é com alegria que apresento esta, que é a carta magna do OFS do Brasil, com o devido registro em Cartório no dia 19 de outubro de 2020.

Apresento este estatuto atualizado, dentro das nossas realidades e ajustado de acordo com as Constituições Gerais, Regra e Vida e legislações civis e eclesiásticas pertinentes à Ordem Franciscana Secular do Brasil.

A proposta de atualização do Estatuto, foi aprovada em Assembleia Geral Extraordinária do OFS do Brasil, realizada em Porto Alegre/RS, em 14 de março de 2014 e após orientações e ajustes solicitados, foi promulgado através de DECRETO pelo Conselho Internacional da Ordem Franciscana Secular - CIOFS.

Desta forma, com base neste documento ora registrado, os Conselhos Regionais e as Fraternidades locais poderão proceder a atualização de seus respectivos Estatutos, adotando o mesmo procedimento, ou seja, aprovação das mudanças em Assembleia Geral e aguardar a aprovação do Conselho Nacional para fazer o registro junto aos Cartórios. Agradeço de coração a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a finalização deste Estatuto. Oremos a Deus pela intercessão dos nossos fundadores e nossos padroeiros para que nos conduza sempre pelo bom caminho do franciscanismo, orientados pelo novo estatuto.

Maria José Coelho
 Ministra Nacional da OFS

O referido documento foi enviado aos Conselhos Regionais por e-mail através dos seus respectivos ministros e ministras e encontra-se disponível para download no site da OFS do Brasil.

DEVE HAVER UM POÇO NO DESERTO

Quanta vastidão, que imensidão... esse deserto de terras ardentes
durante o dia e noites geladas e insuportáveis.
Vento, silêncio, escutam-se as batidas do coração e o arfar do pulmão.
Deserto, silêncio, lugar de tirar a máscara, lugar da verdade.
Deve haver um poço no deserto.
Por vezes, na vida, tem-se a impressão que as fontes secaram,
que as águas se poluíram, que há poucas crianças nas praças,
que as queimadas com todo verde... secura, deserto.
Há desertos de solidões nas celas de um presídio,
no quarto de um hospital,
nas salas de algumas casas, no coração dos esposos
que se deram conta de que não se amam e não são amados.
Por vezes, também o Senhor parece se comprazer em nos
levar para terras desertas: falta o gosto na oração,
falta de coragem de morrer a si mesmo,
de ir até o fim, falta de saudade de Deus.
Deve haver um poço no deserto.
Deserto da cruz. Por que me abandonaste?
Em tuas mãos entrego o meu espírito!

SENHOR!
NO SILÊNCIO DESTA ANO QUE SE INICIA,
VENHO PEDIR-TE A PAZ,
A SABEDORIA,
A FORÇA.



ÓRGÃO OFICIAL DA
ORDEM FRANCISCANA
SECULAR DO BRASIL

Igreja de São Francisco da Prainha
Adro de São Francisco, s/nº - Bairro da Saúde,
CEP: 20081-290 - Rio de Janeiro - RJ
Telefax: (21) 2240-4565 e 2516-3478
E-mail: pazebem@ofs.org.br
Caixa Postal: 50052 - CEP 20050-971